

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ANA CRISTINA FRAZÃO PIRES**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
O método Paulo Freire em questão**

São Luís  
2019

**ANA CRISTINA FRAZÃO PIRES**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
O método Paulo Freire em questão**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para  
o grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Terezinha de Jesus Amaral  
da Silva.

São Luís

2019

Pires, Ana Cristina Frazão.

Práticas educativas na educação de jovens e adultos: o método Paulo Freire em questão / Ana Cristina Frazão Pires. – São Luís, 2019.

67 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Profa. Ma. Terezinha de Jesus Amaral da Silva.

1.Alfabetização. 2.Professores. 3.Método. 4. Freire. I. Título

CDU: 374.091.33

**ANA CRISTINA FRAZÃO PIRES**

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:  
O método Paulo Freire em questão**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para  
o grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Terezinha de Jesus Amaral  
da Silva.

Aprovada em     /     /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Terezinha de Jesus Amaral da Silva  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>o</sup> Me. Diego Rodrigo Pereira  
1<sup>o</sup> Examinador

---

Prof.<sup>o</sup> Esp. Wedson Jonas Barros Silva  
2<sup>o</sup> Examinador

Dedico à Deus, meu Paizinho Soberano, que me sustenta e me dá forças, que me renova todos as manhãs para matar um leão por dia, à minha mãe, que é meu exemplo de garra, que não me deixou desistir e insistiu em mim, ao meu namorado que esteve sempre ao meu lado, me ajudando e apoiando em todos os momentos, e à minha orientadora, pela simpatia e pela ajuda essencial no caminho de orientação para o fluxo desta monografia.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me indicado este caminho do ato de ensinar, pois acredito que Ele me concedeu este talento maravilhoso, por Ele ter me agraciado com o dom da vida e me amparado em todos os momentos.

A minha mãe, Maria Raimunda, que sempre me incentivou e ajudou, fazendo meu almoço para eu levar para os estágios, me buscando na parada tarde da noite, por estar sempre ao meu lado e me fazendo ser alguém melhor.

Ao meu namorado, Marcos Abreu, que esteve comigo e me fez buscar meu melhor, que me ajuda e está sempre disponível no que eu precisar, por ser esse namorado maravilhoso que sempre me apoia e por não ter me deixado desistir.

Ao meu pai, Raimundo Crispiano, que faleceu antes de eu entrar na UEMA, mas acredito que ele está me vendo, e está muito feliz, pois essa conquista é para ele também, um sonho que sonhamos juntos há anos atrás e que agora eu tenho a honra de realizar.

A minha orientadora, prof.<sup>a</sup> Ma. Terezinha de Jesus Amaral da Silva, que me orientou e ajudou durante esta caminhada longa.

E a todos que, de forma direta ou indireta contribuíram na realização desta monografia.

## RESUMO

Este trabalho teve como temática a Modalidade de Ensino da Educação de Jovens e Adultos, enfatizando as práticas de educadores referentes à sua compreensão e a sua prática indicativa ao método do educador e percussor Paulo Freire. Com este trabalho, pode-se analisar, de uma forma breve e introdutória, algumas práticas educativas, relatadas por educadores, tendo como base as contribuições do método Paulo Freire na educação de adultos, no processo de alfabetização, destes alunos, que, por alguma razão, não tiveram acesso à escola na idade correta. Esta pesquisa foi realizada com levantamento bibliográfico que deu suporte para as análises aqui planejadas. Sabe-se que a Educação de Jovens e Adultos não é uma modalidade de ensino nova. A sua história no Brasil é marcada por conflitos políticos, jogos de interesses e descasos. No entanto, algumas leituras preliminares recomendadas pela orientadora fez-se despertar à busca de novos estudos referentes as diferentes épocas para entendermos melhor a atualidade desse campo. Sobre esses estudos, constata-se importantes contribuições. Todavia, pode-se afirmar que nenhuma influência foi tão significativa quanto o legado deixado por Paulo Freire, que foi responsável direto pela revolução na história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e em muitos países por todo o mundo. Portanto, enfatizamos sobre este importante legado, num confronto metodológico sobre as práticas docentes, em que pode-se constatar distanciamentos e dificuldades, aproximações e incompreensões a respeito de seu método.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Professores. Método. Freire.

## ABSTRACT

This work had as its theme the Teaching Modality of Youth and Adult Education, emphasizing the practices of educators regarding their comprehension and their practice regarding the method of the educator and precursor Paulo Freire. With this work, it is possible to analyze, briefly and in an introductory way, some educational practices, reported by educators, based on the contributions of the Paulo Freire method in Adult Education, in the literacy process of these students, which for some reason, they did not have access to school at the correct age. This research was conducted with bibliographic survey that supported the analyzes planned here. We know that Youth and Adult Education is not a new teaching modality. Its history in Brazil is marked by political conflicts, games of interest and mismatches. However, some preliminary readings recommended by the advisor made us awaken to the search for new studies regarding the different times to better understand the current field. About these studies, we found many important contributions. However, we can say that no influence was as significant as the legacy left Paulo Freire, who was directly responsible for the revolution in the history of Youth and Adult Education in Brazil and in many countries around the world. Therefore, we emphasize this important legacy, in a methodological confrontation about teaching practices, in which we could see distances and difficulties, approximations and misunderstandings about their method.

**Keywords:** Literacy. Teachers. Method. Freire.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	– Base Nacional Comum Curricular
CEAA	– Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CEP	– Código de Endereçamento Postal
CNE	– Conselho Nacional de Educação
CONFINTEA	– Conferência Internacional de Educação de Adultos
DESU	– Departamento de Ensino Supletivo
EJA	– Educação de Jovens e Adultos
FNEP	– Fundo Nacional do Ensino Primário
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	– Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
LDBEN	– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCP	– Movimento de Cultura Popular
PNAD	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Prof. <sup>a</sup>	– Professora
ProJovem	– Programa Nacional de Inclusão de Jovens
SEMED	– Secretaria Municipal de Educação
SEPEJA	– Supervisão de Educação de Jovens e Adultos
SESI	– Serviço Social da Indústria
UEB	– Unidade de Educação Básica
UEMA	– Universidade Estadual do Maranhão
UNESCO	– Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	Taxa de analfabetismo em 2018: População de 15 anos ou mais.....	12
Figura 02	Taxa da meta de redução do analfabetismo.....	13
Tabela 01	Cartilha do MCP.....	34
Gráfico 01	Quantidade de alunos matriculados por turma e a taxa de evasão na UEB Alberto Pinheiro .....	54
Gráfico 02	Quantidade de alunos matriculados e a taxa de evasão na UEB Newton Neves.....	57
Gráfico 03	Quantidade de alunos matriculados e a taxa de evasão na UEB Luís Viana.....	60

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A EJA NO BRASIL E NO MARANHÃO: a década de 90 em foco</b> .....	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>A EJA COMO MODALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA</b> .....	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>A EJA na LDBEN Nº 9394/1996</b> .....	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>A EJA no Parecer 11/2000</b> .....	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>O LEGADO DE PAULO FREIRE PARA A EJA</b> .....	<b>29</b>
<b>4.1</b>	<b>Um resumo bibliográfico de Paulo Freire</b> .....	<b>29</b>
<b>4.2</b>	<b>Fundamentos e Método Paulo Freire</b> .....	<b>31</b>
<b>4.2.1</b>	<b>Os fundamentos do Método Paulo Freire</b> .....	<b>34</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Momentos do Método Paulo Freire</b> .....	<b>36</b>
<b>5</b>	<b>PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EJA: uma investigação sobre os saberes teórico-práticos dos professores sobre o Método Paulo Freire</b> .....	<b>47</b>
<b>5.1</b>	<b>Abordagem metodológica</b> .....	<b>47</b>
<b>5.1.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	<b>48</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Os sujeitos da Pesquisa</b> .....	<b>48</b>
<b>5.2</b>	<b>Caracterização das Escolas</b> .....	<b>49</b>
<b>5.3</b>	<b>Resultados e Análise</b> .....	<b>50</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>62</b>
	<b>APÊNDICE</b> .....	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No quadro geral das Políticas Públicas para a educação no Brasil, a educação de jovens e adultos, considerada o Ensino Supletivo, só começou a aparecer de forma mais sistemática nos textos oficiais, a partir da década de 1940, com a instituição do Fundo Nacional de Ensino Primário, que passa a destinar 25% dos recursos para o então denominado Ensino Supletivo de Adolescentes e Adultos. Sabe-se que sua existência é anterior, mas como política pública, esse recorte temporário vem marcar com mais precisão.

Em 1973, o estado do Maranhão instituiu o Departamento de Ensino Supletivo - DESU, com a função de agir em nível federal e estadual na administração da educação de jovens e adultos. Apesar do Ensino Supletivo já ter sido implementado desde 1940, no Brasil, foi somente nesse ano que o Maranhão implementou o ensino de jovens e adultos, sendo um estado histórico de exclusão da população.

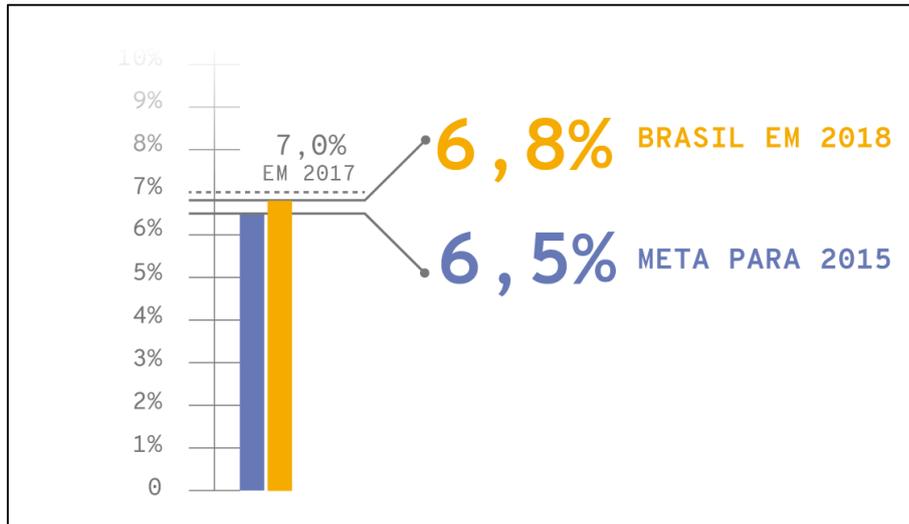
A população maranhense possui um nível de analfabetismo muito elevado, pois, através de seus indicadores, percebe-se que a educação precisa ser fortalecida, visto que está um tanto quanto desvinculada de seus propósitos oficiais.

O Maranhão é o segundo estado brasileiro com maior índice de analfabetismo segundo dados do IBGE, 2015; e reforçando essa situação, os dados PNAD, 2014 mostram que 18,7% da população é analfabeta, confirmando esses índices (BRASIL-IBGE, 2015).

No ano de 2017, o Maranhão continuou como o estado do Brasil com o segundo maior índice de analfabetismo, com 16,7%, pouco abaixo do primeiro estado, Alagoas, com 18,2%, de acordo com o IBGE. A população acima dos 60 anos representa quase metade dos maranhenses analfabetos. Faltam programas para inserir essa população nas escolas novamente, pois por algum motivo deixaram de frequentar ou não tiveram acesso, fazendo com que essa taxa do Maranhão permanecesse na mesma situação dos anos anteriores.

Atualmente, a população brasileira tem uma taxa de analfabetismo de pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas (6,8% de analfabetismo), que foi divulgada pelo IBGE em junho de 2019 na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

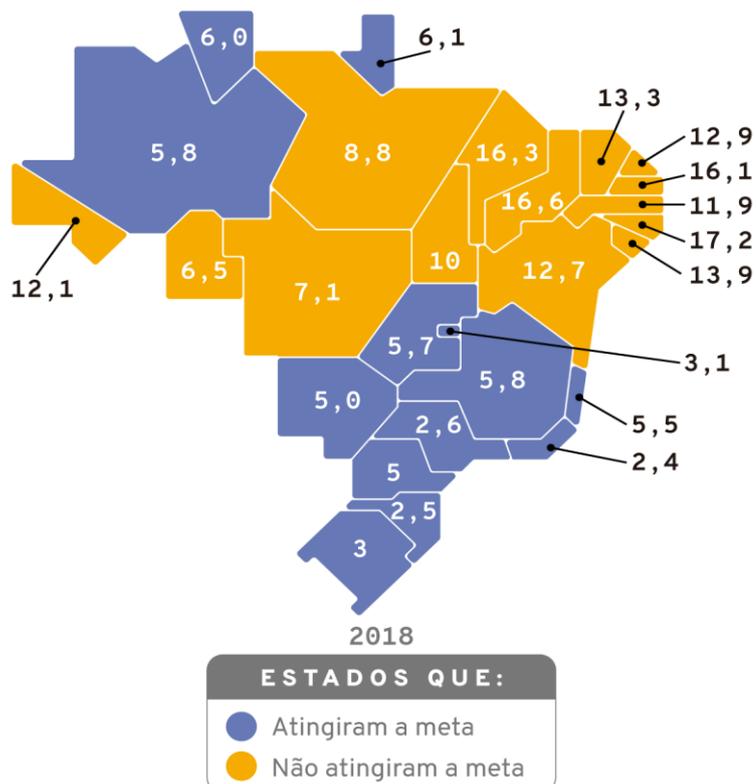
**Figura 01:** Taxa de analfabetismo em 2018: População de 15 anos ou mais



Fonte: IBGE

A meta final do Plano Nacional de Educação é erradicar o analfabetismo até 2024. Entretanto, o Brasil ainda não conseguiu alcançar a meta parcial, que é reduzir para 6,5% a taxa de analfabetização. Em 2018 apenas 13 estados atingiram a meta de redução do analfabetismo estipulada para o ano de 2015.

**Figura 02:** Taxa da meta de redução do analfabetismo



Fonte: IBGE

A Educação de Jovens e Adultos no Maranhão foi implantada em escolas por meio de cursos presenciais, semipresenciais, cursos à distância, exames de Educação de Jovens e Adultos e os Programas Brasil Alfabetizado executado pela rede pública (Estado, Municípios e universidades), ProJovem, sistema SESI, e organizações sociais em parceria com o Governo Federal,

A educação é obrigação pública, um direito que todo cidadão possui, mesmo que, seja ofertada por organizações sociais ou por instituições privadas. E o Estado acompanha a qualidade deste serviço e avalia os resultados, pois cabe ao Estado aplicar políticas educacionais que contemplem o grande número de cidadãos maranhenses que estão excluídos do direito de concluir a Educação Básica e de ter acesso à formação profissional de qualidade e por fim, atentar a essa modalidade de suma importância para nossa sociedade (BRASIL, 1988; 1996).

Paulo Freire, um grande idealista e militante da causa da educação para a cidadania, se preocupou com a formação de pessoas para o pensamento crítico, e também dava forma para o diálogo, transformando os sujeitos a serem capazes de intervir de forma consciente, a fim de terminar com a educação de elites, e começar a educação libertadora, que fazia parte da realidade em que o aluno estava inserido.

Porém, mesmo no Brasil, ainda encontra-se muita resistência e desvalorização desse legado, apesar de constantes esforços empreendidos por muitos simpatizantes, defensores, seguidores e instituições. Diversas instituições de ensino afirmam utilizar a metodologia criada por Paulo Freire, mas, observa-se nos resultados e rendimentos que acabam fracassando e desistindo por não se apropriarem de conceitos qualitativos da sua filosofia de educação, de suas contribuições políticas e pedagógicas, especialmente no que se refere a seu método. Em muitas situações, fica evidenciada a deficiência do conhecimento relativo a esse método e mais ainda, da aplicação do mesmo.

Não é dada a devida importância ao legado que nos deixou Paulo Freire e as universidades não tem incentivado trabalhos, pesquisas e eventos que favoreçam o resgate de sua viva memória. A leitura e as discussões a respeito de suas obras e contribuições têm sido preteridas. No Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Maranhão - UEMA, há apenas uma disciplina em que podemos conhecer, de forma muito breve, a vida, a obra e as contribuições deste grande expoente da educação mundial. Nem mesmo a BNCC (2018) sinalizou essa importância, quando deixa de propor orientações político-pedagógicas e metodológicas específicas a essa

modalidade e isso nos trouxe preocupação.

Constatando-se esses fatos, dentre outros, em nível local, como a evasão e o abandono de alunos da EJA, é que fomos impulsionadas a pesquisar sobre esse legado de Paulo Freire, especialmente para a Educação de Jovens e Adultos. Assim, justificamos, portanto, a necessidade de aprofundamento dos estudos relativos ao seu pensamento e sua à metodologia de ensino de leitura, sua inquestionável influência na EJA no Brasil, especialmente no nordeste, para proporcionar aos discentes, uma qualidade de ensino gradual e uma aprendizagem realmente significativa.

Então, tomando como pressuposto que a alfabetização de jovens e adultos nos dias atuais, entende-se que esta é uma temática ainda necessária à academia e aos sistemas de ensino, principalmente quando se trata da nossa região, faz-se justo que seja objeto constante das nossas reflexões e estudo. E o ponto principal deste texto monográfico é mostrar a importância que o educador Paulo Freire exerce pela criação do método de alfabetização dos jovens e adultos, que para ele não era apenas uma “Teoria do Conhecimento”, era mais que isso; muito mais um método de aprender do que um método de ensinar (FEITOSA, p. 17) tendo como base a cultura de cada um, todo o conhecimento “vivido”, dando valor para a leitura de mundo já existente.

Adota-se um percurso metodológico com contorno qualitativo tendo-se como finalidade analisar a Educação de Jovens e Adultos e o Método Paulo Freire por meio de um estudo mais aprofundado, partindo de uma revisão bibliográfica e estudo de documentos composta pelos autores da área. O alvo foi traçar um histórico que pudesse ser trabalhado como exemplo e aplicado junto ao objeto empírico, seu métodos e as práticas educativas correspondentes a ele.

Sobre a revisão bibliográfica, Cervo; Bervian (2002, p.66), fazem o reforço que “a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”. Entende-se que uma boa revisão de literatura e análise de artigos e documentos sejam os procedimentos mais adequados para um aprendizado mais sistematizado.

Para isso, a pesquisa baseia-se em estudos das leis, de autores que são ícones entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto. Também, como já foi mencionado, fez-se necessária uma pesquisa documental, com a fonte de pesquisa secundária, onde foi buscado em livros e artigos, maior fundamento para esta construção, para fazer um apanhado histórico da EJA, e

também para detalhar melhor as informações relativas ao tema em questão.

O primeiro capítulo deste trabalho trata de um histórico sobre a EJA no Brasil e no Maranhão, especialmente na década de 90, onde muitas transformações aconteceram na Educação Básica, seus objetivos e os discursos implementados sobre competências e ensino técnico.

O segundo capítulo aborda a EJA como Modalidade da Educação Básica; a EJA na LDBEN N° 9394/96 e no Parecer 11/200, focando sobre as principais determinações legais, a partir desta legislação.

O terceiro capítulo refere-se ao legado construído e deixado por Paulo Freire para toda a educação brasileira, especialmente às experiências político-pedagógicas baseadas em seus princípios que traduziam a inserção da politicidade, da contextualidade e do diálogo na prática reflexiva dos professores, especialmente na alfabetização de adultos, que hoje denominamos de Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Neste capítulo, pode-se falar, após um resumo sobre sua biografia, do seu método e de seus fundamentos, destaca-se alguns momentos e fases para sua prática recomendados por esse grande mestre.

Trazemos no quarto capítulo, algumas investigações sobre práticas educativas na EJA: uma investigação sobre os saberes teórico-práticos dos professores sobre o Método Paulo Freire, suas concepções, as nuances de suas compreensões, bem como de suas dificuldades em abordá-lo em suas práticas.

Por fim, nas considerações finais, destaca-se a oportunidade de fazer um estudo mais aprofundado sobre o educador Paulo Freire e sua metodologia para alfabetização de jovens e adultos, a importância da EJA para os alunos que fazem parte desta modalidade, a reflexão sobre as metodologias dos educadores que atuam na EJA, e os resultados da pesquisa com base nos dados coletados durante as entrevistas semiestruturadas.

Estima-se que este trabalho tem importante contribuição em nossa formação acadêmica, que não se conclui com o mesmo, mas que continuará com buscas, através de leituras e estudos, considerando a atual conjuntura política que tenta, de todas as formas, apagar da memória dos brasileiros a obra e o legado de Paulo Freire que, apesar das negações, ainda está muito vivo dentro de muitos educadores e de muitas propostas educativas, especialmente na modalidade de ensino em questão.

Por esse motivo, convidamos a uma leitura apreciativa, sujeita à reconstruções em busca do melhor dizer, do melhor registrar aqui nossas formas de

ver e traduzir das práticas docentes o que a história, o tempo e o pensamento freireano trazem à educação brasileira.

## **2 A EJA NO BRASIL E NO MARANHÃO: a década de 90 em foco.**

Para que se possa perseguir os objetivos propostos desde o esboço do nosso projeto de pesquisa, foi necessário a fundamentação, tanto bibliográfica quanto de campo. Para tanto, foi feita uma revisão de trabalhos científicos já publicados, livros, periódicos, leis, documentos oficiais e mídias sociais para elaboração do referencial do trabalho monográfico. Aqui neste item, apenas sinaliza-se essa fundamentação para, posteriormente, dar conta de um estudo sistematizado e planejado sobre o legado de Paulo Freire e de seu método e suas implicações nas práticas educativas dos professores da Educação de Jovens e Adultos.

Faz-se algumas considerações referentes ao percurso histórico e legal da EJA, não necessariamente seguindo uma cronologia linear, mas trazendo as contribuições de alguns movimentos, eventos e legislação vigente. Além disso, pontua-se sobre o legado de Paulo Freire à educação brasileira, em especial à EJA, que será melhor explorado, com o decorrer das leituras do material bibliográfico levantado.

É importante considerar, logo de início, o histórico da Educação de Jovens e Adultos situando-a no contexto do desenvolvimento educacional brasileiro e maranhense a partir da década de 1990. Nesse período, ocorreram fatos políticos, econômicos e sociais que trouxeram grande impacto para a atual política pública para essa modalidade de ensino. E não somente nesse período, mas, desde as décadas anteriores.

A trajetória da educação nos mostra que, entre 1900 e 1930, a política educacional atribuía ao Ensino Supletivo o objetivo de alfabetizar e ensinar conhecimentos gerais mínimos para adolescentes, jovens e adultos em escolas primárias estaduais noturnas. Nessas escolas, funcionavam cursos com caráter utilitário e prático. Nesse período, a educação para os jovens e adultos teve um desenvolvimento irregular e lento, pois no século XIX e nas primeiras décadas do século XX havia pouco investimento dos recursos públicos no ensino noturno e a localização privilegiava as elites, ou seja, os mais favorecidos. Na verdade, a educação de forma geral, historicamente no Brasil não tem sido alvo de maiores investimentos.

A década de 40 foi marcada por várias iniciativas políticas e pedagógicas que

visavam um melhor desenvolvimento para a educação dos adolescentes e adultos, com reflexões sobre a teoria e metodologia adotada, podemos citar:

- a) A regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário- FNEP;
- b) A criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais- INEP;
- c) O surgimento das primeiras obras especificamente dedicadas ao ensino Supletivo;
- d) Lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos- CEAA
- e) 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos em 1947;
- f) Seminário Interamericano de Educação de Adultos em 1949.

Durante este período, percebe-se a simultaneidade de três frentes de lutas no campo das propostas e iniciativas para a área, como cita Moura (p.26,1999), a primeira é a predominância das Campanhas, que duram até 1963; a segunda é a sistematização e divulgação do ensino Supletivo, centrado nas capitais e desenvolvido em sua maioria através de professores leigos; e a terceira é a emergência de grupos nacionalistas, percebendo a educação como um instrumento de difusão de ideias, necessitando de ser estimulada e proporcionada a todos. (MOURA, 1999)

O Ensino Supletivo era realizado da mesma maneira como usado com as crianças, toda a prática permanecia a mesma, as escolas, as salas e todo o corpo docente. A alfabetização de adultos se parecia com o ensino primário infantil, até os conteúdos eram os mesmos. O Ensino Supletivo dependia das instalações, e do corpo docente do ensino primário infantil. Conforme Moura (p.27, 1999), pode-se afirmar que:

(...) Essas iniciativas variavam entre a definição de objetivos predominantemente político, como no caso das campanhas que visavam preparar as massas para que fosse possível organizar a vida do país em bases democráticas, ou obter resultados quantitativos e instrumentais, a exemplo do sistema Supletivo, cujo objetivo era diminuir os índices da população analfabeta e inseri-la no sistema produtivo. Para atingir esses objetivos o ensino Supletivo desenvolvia uma prática semelhante às desenvolvidas com as crianças.

A respeito desses objetivos, o ponto central é implementar na educação brasileira os princípios democráticos. Contudo, esse olhar que se tem do alfabetizando é como um ensino bancário, onde segundo Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia (p.27, 2011), deforma a necessária criatividade do educando e do educador.

Em 1958, aconteceu um evento para o marco histórico da época, o II

Congresso Nacional de educação de Adultos. Neste congresso, Paulo Freire com uma proposta de educação libertadora, defende um Relatório com o título: A Educação de Adultos e as Populações Marginas: o problema dos Mocambos. Deixando claro o ponto de partida da prática pedagógica, pois como Feitosa (p.16, 2011) contempla em seu livro:

Qualquer pessoa que se disponha a alfabetizar deve ter isso claro, devendo, acima de tudo, reconhecer no alfabetizando alguém que, na sua vivência, acumulou sabedoria, domínio de formas de sobrevivência, de se relacionar com o mundo, enfim, acumulou cultura. Portanto, pode e deve contribuir de maneira significativa para a construção da metodologia que o fará apropriar-se do código escrito.

Isso significa dizer, que cada pessoa traz uma história de vida, marcada por experiências singulares, vivências em que vai construindo saberes e sobrevivências de lutas e sofrimentos. Essas experiências lhes imprimem formas de ver o mundo: ou como resultados de situações impostas; ou como resultado de suas reações críticas a essas situações dadas, como se as coisas não pudessem mudar através desses sujeitos. Paulo Freire nos ensina a olhar para um mundo de contradições, injustiças e exclusões em que o oprimido precisa reagir e posicionar-se. Por isso, a construção de um método que pudesse não apenas ensinar letras e códigos fonéticos, mas, para além do código escrito, pudesse trazer sentidos e significado das palavras, das coisas, das situações e do mundo.

Até a promulgação da Nova Constituição de 1988, o Brasil passa por mudanças políticas e sociais para fazer cumprir os novos desafios colocados pela Carta Magna Brasileira, pois o país chega à década de 1990 com graves problemas no sistema educacional, dentre eles baixos indicadores relacionados ao alfabetismo da população. Essa Nova Constituição de 1988 estabelece no Título VIII da Ordem Social, no Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto e Seção I Da Educação que no:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

E ainda que, o ensino fundamental é obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Portanto, passa a ser dever do Estado o direito à educação para todos de forma igualitária e gratuita, dando-lhes condições para permanecer nas instituições, garantindo também a valorização dos profissionais da educação, com planos de carreira e piso salarial nacional. Assim, a Constituição traz, em seu artigo 208, que a educação será efetivada mediante as seguintes garantias:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

Cabe aqui salientar a importância da V Conferência - CONFINTEA, Conferência Internacional de Educação de Adultos, de 1997, realizada em Hamburgo (Alemanha) que contou com a participação de mais de 170 estados membros, 500 ONGs, e cerca de 1300 participantes, sob o tema da Aprendizagem de Adultos como Ferramenta, Prazer e Responsabilidade. Esta conferência marca a história da EJA de maneira singular, por ter posto em marcha um intenso movimento de preparação mundial com certa antecedência, ou seja, foi a chave para o século XXI, por buscar melhorar as condições e a qualidade de ensino para adultos. Os países participantes reuniram-se em uma conferência para fomentar neles a construção de compromissos com a EJA.

De forma alguma poderemos lidar com os riscos globais, sejam riscos ecológicos, riscos para a saúde, crises econômicas, ou perigos culturais tais como o racismo, sem uma cidadania activa e informada. Os cidadãos precisam agora de melhorar as suas capacidades para tomar iniciativas e de adquirir novas competências. Não poderemos esperar que as crianças de agora se tornem adultos. Levaria 30 anos. É demasiado tempo. É necessário providenciar oportunidades de aprendizagem para a presente geração de homens e mulheres. A aprendizagem dos adultos tornou-se uma questão central. Tornou-se claro que a capacidade de aprendizagem dos seres humanos, a descoberta do potencial humano e a oportunidade de continuar a aprendizagem ao longo de toda a vida são tarefas centrais na definição do novo século e do novo milénio. A autonomia, a criatividade e a auto-expressão de todos os cidadãos não são apenas os objectivos mas também as condições de democracia (Declaração 1-2;5 Agenda para o Futuro 2, 4, 9, 11, 12, 14) (Relatório de Acompanhamento da CONFINTEA V, 1999).

Portanto, a CONFINTEA foi um espaço de reflexão e tomada de decisões, considerando a educação de adultos de forma democrática, com políticas de educação e aprendizagem ao longo da vida, com o objetivo de melhorar as condições e

qualidade da educação de adultos, garantir o direito universal à alfabetização e educação básica, igualdade e equidade entre homens e mulheres e a autonomia da mulher, mutação no mundo do trabalho, educação de adultos em relação com o meio ambiente, a saúde e a população, cultura, meios de comunicação e novas tecnologias de informação, educação de adultos para todos; fomentar a cooperação e a solidariedade internacionais, impacto da globalização e das novas tecnologias (novos fenômenos) em conjugação com problemas já existentes e fatores demográficos; políticas de educação e aprendizagem ao longo da vida, criação de novas condições de desigualdade e violência; Influências sobre a questão da pobreza, literacia, democracia, género e saúde e ambiente. (CONFINTEA V 1999; BRASIL, 1988; 1996)

No Brasil, esse evento apresenta-se como um movimento internacional com contradições, em termos de educação efetiva para adultos e política sistemática. Buscou-se unir a educação e a aprendizagem de adultos com os principais arcabouços internacionais em relação à educação e desenvolvimento: as metas de educação para todos, as metas de desenvolvimento do milênio, a década das nações unidas para a alfabetização, a iniciativa de alfabetização para o empoderamento e a década das nações unidas para a educação e o desenvolvimento sustentável. Com base nisso, buscou-se ferramentas para assegurar que compromissos com a aprendizagem e educação dos adultos sejam implementados.

Num intuito de cumprir com as metas estabelecidas pela CONFINTEA, o governo brasileiro por meio do decreto nº4.834, de 08 de setembro de 2003, cria o Programa Brasil Alfabetizado, institui a Comissão Nacional de Alfabetização que ficou responsável por buscar políticas nacionais e execução de ações de alfabetização e de Educação de Jovens e Adultos, porém o Decreto nº5.475, de 22 de junho de 2005, altera a denominação e o objetivo da Comissão Nacional de Alfabetização, instituída pelo Decreto nº4.834, de 8 de setembro de 2003, traz no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea a, da Constituição:

Art. 1º-Os arts. 2º, 3º e 5º do Decreto nº 4.834, de 8 de setembro de 2003, passam a vigorar com a seguinte redação:

Art. 2º-Fica instituída a Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, órgão colegiado de caráter consultivo, com o objetivo de assessorar o Ministério da Educação na formulação e implementação das políticas nacionais e na execução das ações de alfabetização e de educação de jovens e adultos.

Os objetivos da V CONFINTEIA foram impulsionar o reconhecimento da

educação e aprendizagem de adultos como elemento importante e fator contribuinte à Educação ao longo da vida, onde a alfabetização é o alicerce, enfatizar o papel crucial da educação e aprendizagem de adultos para a realização das atuais agendas e programas de educação e de desenvolvimento internacionais e renovar o compromisso político e desenvolver ferramentas de implementação para que partissem do retórico para a ação.

Outra política importante à concepção e às práticas pedagógicas referentes a modalidade de educação para adultos e jovens, foram as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, que se aplicam obrigatoriamente aos estabelecimentos que oferecem cursos e aos conteúdos dos exames supletivos das instituições credenciadas para tal. Diz o art. 38 da LDBEN Nº9394/1996: “Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular”. Este artigo implica os sistemas públicos de ensino na manutenção de cursos de jovens e adultos e exames supletivos. Já se viu reiteradamente que prioritária é a oferta de cursos na faixa da escolaridade universal obrigatória, sem desconsiderá-la no turno da noite. A oferta de cursos da EJA deve ser um esforço constante e localizado dos poderes públicos com o objetivo de tornar a função reparatória cada vez mais uma coisa do passado.

As bases legais da LDBEN Nº 9394/1996 nos encaminham para uma diferenciação entre o caráter obrigatório do ensino fundamental e o caráter progressivamente obrigatório do Ensino Médio, à vista da necessidade de sua universalização. O objetivo desta modalidade é corrigir as situações específicas e oportunizar o retorno à sala de aula aos jovens, adultos e idosos, além de ofertar a educação escolar àqueles que nunca foram a escola ou não concluíram, reconhecendo-se a educação como um direito de todos os cidadãos brasileiros.

Porém, a EJA ainda não se concretizou nos termos oficiais da legislação atual, apesar da integração de esforços para superar o analfabetismo e universalizar a escolarização obrigatória para todos os cidadãos brasileiros, garantindo-lhes o direito de uso da leitura, da escrita, do conhecimento matemático e das ciências naturais e sociais.

O Brasil e sua história tem uma dívida para com suas populações mais pobres, oriundas de uma história marcada por escravismo, exploração e negação de direitos. O colonialismo nos envergonha e deixa marcas na história, na educação e na alma

de muitas vidas. As populações negras, quilombolas, indígenas e suas descendências foram completamente excluídas dos processos educativos e de escolarização, que sempre foi privilégio de poucos neste país. Apesar da expansão do ensino e dos princípios objetivos dos encontros internacionais e das políticas educacionais, ainda podemos registrar dolosamente que a educação de jovens e adultos neste país ainda subsiste sem muitas perspectivas sociais, políticas e econômicas.

Nos dias atuais, a EJA está inserida minimamente nas políticas educacionais, desenvolvendo-se a expectativa de garantia de Ensino Fundamental, com possibilidades de continuidade de estudos na Educação Básica e a inclusão da EJA no Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica. Agora em discussão no país, o FUNDEB está sujeito às contingências políticas do governo atual que desconsidera totalmente a importância desta modalidade nos processos de escolarização, visto que, sua subsistência está diretamente relacionada à árdua missão e luta em favor da garantia dos direitos fundamentais a todos os brasileiros.

Nos dois últimos governos, as políticas educacionais não contemplam nada que seja realmente significativo à educação nesta modalidade. Se buscarmos fundamentos nos documentos atuais como a BNCC, não contemplamos orientações referentes às habilidades e competências da Educação Básica com pontos específicos à modalidade. Pelo contrário, “enxugou-se” o texto da terceira versão, excluindo-se totalmente diretrizes e orientações às modalidades de ensino.

### **3 A EJA COMO MODALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Pesquisando em documentos e portal oficial do MEC, constata-se que há muitos documentos que se referem às políticas regulamentadoras do EJA. Uma contradição, pois são muitas as diretrizes e muito poucos encaminhamentos à efetivação dessas políticas. Dentre tantas, destacamos a EJA na LDBEN Nº 9394/1996 e a EJA no Parecer 11/2000, parecer este que traz um direcionamento mais preciso sobre a oferta, a gestão e o currículo desta modalidade, com flexibilidade e orientações sobre suas funções. Assim, neste capítulo faremos referência apenas a essas duas políticas, pois consideram-se as mais significativas.

#### **3.1 A EJA na LDBEN Nº 9394/1996**

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN Nº 9394/1996, nos dois únicos artigos dedicados a Educação de Jovens e Adultos, fica determinado, na Seção V, Da Educação de Jovens e Adultos, que:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Esta legislação determinou também que a idade mínima para ingressar fosse de quinze anos para cursar o Ensino Fundamental e de dezoito para cursar o Ensino Médio. A demanda por educação de jovens e adultos aumentou significativamente com a redução da idade para ingresso nessa modalidade de ensino. Também elencou pontos de suma importância para a EJA, servindo de base para a elaboração do Parecer nº.11/2000 que originou a Resolução CNE/CEB nº. 01/2000, fixando as

Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, que será pontuado no item seguinte.

É importante destacar as responsabilidades do poder público em garantir gratuitamente essa modalidade de ensino. Ao nosso ver, isso se traduz em prioridade que deve ser observada, além da viabilização do acesso e permanência na escola. Nos últimos anos, tem-se assistido o contrário, as escolas no turno noturno estão se esvaziando pela onda de violência e pelo tráfico de drogas, fortalecidas pela falta de segurança, os jovens, adultos e idosos pobres vem abdicando do seu direito de estudar para tentar um lugar no mercado de trabalho, muitas vezes informal, ultracansativo, sem estabilidade e sem perspectivas de melhores condições de vida.

Diante dessa realidade, não consegue-se vislumbrar na prática, o compromisso do poder público em garantir um ensino de qualidade, apesar de algumas melhorias pontuais na Educação Básica. A EJA vem sendo preterida e esquecida de uma forma geral em todo o território nacional, por se tratar da garantia do direito dos trabalhadores e de seus filhos, excluídos da escola de qualidade. Infelizmente, as campanhas, programas e projetos ao longo da história da EJA em nosso país não tem alcançado as metas previstas no PNE, PEE e PME, e muitos problemas tem se acumulado, sem preocupações diretas em fazer cumprir a Constituição Brasileira.

Como é previsto na Constituição Federal, no Artigo 205, que prescreve a educação como direito de todos e dever do Estado (BRASIL, 1988), a EJA é objeto das políticas educacionais, os programas e projetos, logo, essa modalidade apresenta-se como possibilidade de inclusão social; como prevê o Artigo 206, da Constituição Federal, “a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988).

Não se pode esquecer um fato histórico: a Educação de Jovens e Adultos representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais na escola ou fora dela e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea. Logo, a EJA vem reparar a grande dívida social para com o cidadão reinserindo-o no campo dos direitos civis e de igualdade de direitos. O papel da educação como espaço privilegiado para a construção de sujeito de direitos fortalece a formação de uma

cultura de direitos humanos, pois traz à tona o direito a educação e a efetiva participação nas estruturas político, econômica, social e cultural da sociedade brasileira.

No Artigo 208, mencionado anteriormente, no qual se encontra a garantia de obrigatoriedade do ensino gratuito, inclusive para aqueles que não tiveram acesso ao mesmo na idade própria, destaca-se que viesse consolidando a EJA no Brasil como modalidade de ensino na educação básica. A Constituição Federal de 1988 – estabelece que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família...", Portanto, A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, passando a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento consequente.

### **3.2 A EJA no Parecer 11/2000**

O Parecer 11/2000 propõe uma flexibilidade curricular, com a concordância dos conhecimentos vivenciados dos jovens e adultos como dever dos sistemas de ensino na oferta de oportunidades escolares, dando ênfase em conteúdos curriculares que permitam a visualização de problemas ou situações cotidianas dos seus educandos (BRASIL, 2000). Essas normas orientam a proposta curricular da modalidade de ensino de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental. Com isso, A EJA dispõe de três funções: Reparadora, Equalizadora e Permanente ou Qualificadora.

REPARADORA- A função presente difere-se de suprimento, restaura uma dívida social e os direitos negados com a exclusão de grupos sociais e historicamente faz parte do cenário brasileiro, tornando-se um fenômeno material. Deve oferecer a educação básica, com visão da universalização e além da obrigatoriedade no ensino médio. Gera a igualdade, diante da lei, para a camada popular excluída socialmente, oferecendo possibilidade de qualidade no âmbito escolar, possibilitando um modelo pedagógico para a modalidade de ensino EJA;

EQUALIZADORA- garantir a entrada de todos os trabalhadores que não tiveram acesso à escola na idade correta, havendo uma distribuição de bens culturais e sociais, que foram negados por motivos diversos, facilitando a entrada no âmbito educacional e garantindo através da lei um olhar pedagógico diferenciado, ou seja, que atendam às necessidades dos educandos;

QUALIFICADORA- tem como base o ser humano e o próprio sentido da educação de jovens e adultos, tem como base o ser humano, como ser incompleto, pois o homem não é um ser capaz de adquirir conhecimentos independente do ambiente que o cerca, haja vista que a Idade não é um

empecilho para o aprendizado de valores, atitudes e o compartilhamento dessas capacidades acontecem em todas as idades, que transcendem o âmbito escolar (BRASIL, 2000, p. 7-10).

Na função reparadora, como o nome próprio já fala, faz a reparação da realidade, trata do reconhecimento da igualdade independente das particularidades de todo e qualquer indivíduo. Repara os direitos que foram negados ao direito de uma escola de qualidade. A função equalizadora, assegura a reentrada à aqueles que tiveram que se ausentar das escolas por algum motivo, seja repetência ou evasão, ou quaisquer outros motivos, e deve haver a reparação, mesmo que tardiamente. A função qualificadora, proporciona a modernização dos conhecimentos, focalizando na educação permanente, onde para o aluno, nunca é tarde para recomeçar, levando em consideração toda bagagem já adquirida por este.

Essas funções se consolidam com a LDBEN Nº9394/1996, Art. 4º, O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola. Cabe ao Estado criar programas e políticas educacionais para trazer esse público para as escolas e mantê-los nas mesmas de forma a atendê-los de forma justa, igualitária, competente e eficaz.

Ainda conforme este mesmo Parecer CEB nº 11/2000, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade da Educação Básica, destinado aos jovens e adultos e tem o objetivo de atender a população de 15 anos a mais que não concluíram o Ensino Fundamental e Médio na idade certa por lei determinada no ensino regular, mas não se limita apenas a escolarização, também reconhece a educação como direito humano fundamental para a construção de jovens e adultos autônomos, críticos e ativo frente a realidade que vivem. O mesmo parecer também destaca: “Formar e incentivar o leitor de livros e das múltiplas linguagens visuais juntamente com as dimensões do trabalho e da cidadania”. Mas, devemos ir além disso, uma vez que, os alunos da EJA, são pessoas que já vem com muitas experiências de vida e luta pela sobrevivência.

A Resolução 01/2000, do mesmo Conselho Nacional de Educação, no Artigo 5º, em seu parágrafo único, discute o currículo da EJA: Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da EJA considerará as situações, os

perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

- I – quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;
- II – quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;
- III – quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica (Parecer CEB 01/2000).

Os alunos dessa modalidade devem ser respeitados conforme suas diferenças e especificidades, já que todos possuem uma vasta experiência e buscam uma identidade através do mesmo, uma oportunidade de igualdade de direitos através da educação. A escola está longe de alcançar esse patamar. Compreende-se que é investindo mais em uma estrutura física e pedagógica adequada, promovendo e garantindo uma formação inicial e continuada de professores, além de muitos outros desafios a enfrentar, que conseguiremos avançar no processo de transformação da sociedade.

O Parecer em referência veio como resposta aos anseios sociais, principalmente quando se refere à camada da população que não teve acesso a leitura e escrita na idade correta, permitindo assim, o direito que foi negado a priori nas suas vidas, sendo esse direito reafirmado na Declaração de Hamburgo que diz que “o direito à educação é um direito universal, que pertence a cada pessoa [...]” (SESI/UNESCO, 1999).

Segundo o Parecer CNE/CEB nº 001/2000, a palavra modalidade vem do latim *modus*, forma específica de atendimento aos jovens e adultos, sua metodologia e/ou características. Essa modalidade de ensino é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio em idade apropriada, respeitando às características desse alunado, dando oportunidades educacionais adequadas em relação a seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames próprios.

## **4 O LEGADO DE PAULO FREIRE PARA A EJA**

Para falar de forma resumida do legado de Paulo Freire, aborda-se primeiramente um pouco da sua biografia, e em seguida fala-se do seu método com os fundamentos de natureza político-pedagógica, compreendendo que pode-se fazer muito mais referências ao seu pensamento e a sua obra que fundamentou o seu método. Reconhecendo que essa foi uma construção histórica, política e social. Assim, faz-se um resumo da sua biografia e traz-se considerações importantes sobre a concepção histórica e dialética do seu método de alfabetização, que foi elaborado para jovens e adultos, bem como seus fundamentos que podem nortear práticas educativas, não apenas o ensino da leitura e da escrita em toda a educação popular e pública do país.

### **4.1 Um resumo bibliográfico de Paulo Freire**

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife, Pernambuco. Foi um homem de grande influência, com uma biografia riquíssima e exemplar deixando um legado de significativas contribuições à educação mundial. Um homem que lutou por uma educação de qualidade e fez diferença e história. Ganhou vários prêmios e medalhas de reconhecimento pela sua intervenção inovadora e transformadora na educação brasileira. Sua Biografia será analisada quando da elaboração do texto monográfico, constituindo-se de um capítulo. Neste capítulo, faremos referência a sua história, desde o nascimento, até os dias atuais quando sua memória recebe ameaças.

Ganhou da UNESCO prêmios e títulos da Educação para a Paz (1986). Conquistou o prêmio Andres Bello da Organização dos Estados Americanos, como educador dos Continentes (1992) e mais 41 títulos de Doutor Honoris Causa de diversas universidades. No Brasil, o título de Patrono da Educação Brasileira (lei 12.612), a qual há ainda forte resistência e desvalorização do seu legado e da sua memória.

Teve como principais obras:

- a. Educação como Prática da Liberdade (1967);
- b. Pedagogia do Oprimido (1968);
- c. Cartas à Guiné-Bissau (1975);
- d. Educação e Mudança (1981);
- e. A importância do ato de ler em três artigos que se completam (1982);
- f. Prática e Educação (1985);
- g. Por uma Pedagogia da pergunta (1985);
- h. Pedagogia da Esperança (1992);
- i. Política e Educação (1993);
- j. Professora sim, Tia não: Carta a quem ousa ensinar (1993);
- k. À sombra desta mangueira (1995);
- l. Pedagogia da Autonomia (1997).

Em relação às contribuições do Método Paulo Freire à alfabetização de adultos no Brasil, com a ideia que a educação não tinha um papel de neutralidade, e que a própria educação ajuda o homem a influenciar na realidade social, por meio da transformação, e do pensamento crítico alcançado pela educação que liberta. O alfabetizando passa a ser sujeito, [...] aquele que aprende pensando, compreendendo ativamente, agindo sobre o objeto de conhecimento [...] (FREIRE, 1980, p. 53).

Freire destaca que é importante começar de onde o aluno se encontra, levando em consideração tudo o que ele já viveu, todo o conhecimento que por ele já foi adquirido, pois aprendemos por experiências que já passaram, estimulando os alunos a terem curiosidade, e a terem o gosto pelo aprendizado, querer aprender, saber mais, utilizando a sua própria leitura, e deixando a interpretação do outro (FREIRE, 1980;1987;1989;1996;2003).

Para ele, os homens e mulheres são sujeitos que produzem cultura, assim como, também produzem conhecimentos, Freire partia de discursos, com base em palavras que tinham uma leitura, e sentido no texto, como uma técnica silábica. E essas palavras eram da realidade dos alunos, que discutiam primeiro uma visão de mundo sobre a palavra e depois aprendiam como se escrevia e as sílabas que eram compostas. Fazendo o aluno ter autonomia para realizar o seu próprio discurso, e não apenas reproduzir o que o outro pensa (FREIRE, 1980;1989;1996).

De acordo com Sonia Feitosa (2011, p. 82) o Método Paulo Freire tem como fio condutor a alfabetização, visando a libertação. Uma libertação de forma política e social, pois o educador tem que mostrar para o aluno que ele sabe de várias coisas,

porém, é com a ajuda do educador que ele vai organizar o conhecimento, o que gera como consequência, mais participação na sociedade, sendo um sujeito de transformação social.

Segundo Feitosa (2011, p. 82), são os princípios que constituem o Método:

1º) *Politicidade*, a frase que “não existe educação neutra” é o ponto principal, pois Freire faz o aluno refletir sobre posicionamento enquanto aprende uma palavra, estimulando sua consciência crítica, deixando de ser observador e passando a ser sujeito da realidade. E isso acontecia nos “Círculos de Cultura”, que é a sala de aula onde eram realizados esses debates. E o educado, que detinha o saber, era o “animador de debates”, que norteava as discussões.

2º) *Dialogicidade*, para Freire a base da pedagogia é o diálogo. Sempre em busca de um humanismo nas relações entre homens e mulheres, a educação, segundo Paulo Freire, tem como objetivo promover a ampliação da visão de mundo do educando para melhor qualificara sua intervenção nele, e isso é facilitado quando essa relação é mediada pelo diálogo (FEITOSA, 2011, p. 86).

Com base nesses princípios, é importante reconhecer a importância do diálogo na educação. De acordo Gadotti (1989, p. 46), “para Paulo Freire, o diálogo faz parte da própria natureza humana. Os seres humanos se constroem em diálogos, pois são essencialmente comunicativos. Não há progresso humano sem diálogo. Para ele, o momento do diálogo é o momento para transformar a realidade e progredir”. Fica, portanto, evidente a importância do diálogo para a progressão do processo de ensino-aprendizagem da EJA. (FREIRE, 1989;1996;2003).

## **4.2 Fundamentos e Método Paulo Freire**

O Método Paulo freire foi muito inovador e humanístico, pois ele partia e valorizava o conhecimento já existente do alfabetizando, levando em consideração tudo o que o aluno já conhece e suas experiências, induzindo a ver sua realidade de outra maneira, com criticidade e também fazendo os educandos terem uma posição que pudessem intervir, pois o conhecimento é a chave que abre muitas portas para o futuro, mas, muito mais que transformar a consciência crítica, paralelo a isso, os educandos eram alfabetizados, aprendiam a ler e escrever, e tinham uma leitura de

mundo diferente, com a educação libertadora.

Em meados do ano de 1959, o contexto educacional no Brasil começa a ter outro lado, a educação passa a ser protagonista para a preparação e construção de uma nova sociedade.

Por volta do ano de 1963, o método de Paulo Freire passou a ser conhecido no Brasil, como “As 40 horas de Angicos”, tratava-se de um trabalho que Freire foi solicitado a coordenar, devido a sua postura e experiências. Paulo Freire iniciou seu trabalho em Angicos sendo formador inicial dos “animadores de debates”, no caso, os monitores, que eram os alfabetizadores que mediavam os debates nos círculos de cultura. Esse trabalho tinha como finalidade que em 40 horas deveriam ser alfabetizados 300 trabalhadores rurais.

Com o atual governo federal de Juscelino Kubitschek (1955-1960), com o slogan “cinquenta anos em cinco”, fez-se necessário a aceleração de muitos processos, como o projeto de eliminação do analfabetismo adulto na América Latina.

O Movimento de Cultura Popular (MCP) emprega uma cartilha no Brasil, como cita Feitosa(2011) conhecida como livro de leitura para adultos que é assinada por educadoras e educadores que conheceram a experiência cubana na luta contra o analfabetismo e sob sua inspiração criaram o livro de leitura para adultos. Por sua vez, estava relacionada ao povo que vivia em Recife, retratando o tempo difícil e de miséria que passavam. E a palavra “povo” é o ponto forte da cartilha, como forma de acabar com o analfabetismo e estimular o nível cultural e político do povo.

Importante valorizar que a cartilha voltava-se ao adulto, descaracterizando qualquer discurso infantilizado. A cartilha do MCP trazia dezenove temas com frases que auxiliavam a aumentar os debates:

**Tabela 01:** Cartilha do MCP

<b>Nº</b>	<b>TEMAS</b>	<b>FRASES</b>
1	Povo – Voto	O voto é do povo
2	Vida - Saúde – Pão	O pão dá saúde. Saúde é vida.
3	Casa – Mocambo	O povo sem casa vive no mocambo. Eu vi o povo do mocambo.
4	Recife - Alagado	O Recife tem muito alagado? – Sim, o Recife tem muito alagado! Como é a casa do povo do alagado? – A casa do povo do alagado é o mocambo.
5	Escola – Operário – Livro	O operário vai à escola? - Sim, ele vai à escola do MCP. A escola do MCP é do povo. O operário ouve aula pelo rádio? - Sim, ele

		ouve aula pelo rádio e lê o livro do MCP.
6	Templo	O MCP tem escola em vários templos cada templo tem seu rito e sua fé. O MCP respeita a fé e o rito de cada templo.
7	Globo – Atlas	O globo é todo dividido em países. No Atlas aparecem todos os países do globo. Vivemos em um país da América.
8	Sertanejo – Chuva – Sol	É dura a vida do sertanejo. O sertanejo ama ama sua gleba. Só a seca o leva para a cidade.
9	Mangue – Draga	A cidade de Recife é cheia de mangue. Veja a draga à beira do rio Capibaribe. O governo do município ajuda a recuperar os mangues de Recife.
10	Açúcar – Pernambuco – Engenho – Enxada	A base econômica de Pernambuco é o açúcar. O lavrador ainda cultiva o campo com a enxada. O camponês do engenho de açúcar planta e corta a cana. Sua vida é difícil e insegura; Agora o camponês luta por seu sindicato.
11	Nordeste – Homem	O pernambucano é um nordestino. O homem nordestino é um lutador. Ele ajudou o desenvolvimento do sul. O homem do Nordeste pede justiça.
12	Flagelado – Progresso	O flagelado é o camponês desamparado. Com soluções justas para o campo não haverá mais flagelados. Um governo nacionalista leva o progresso ao campo.
13	Brasil – Trabalho	Para haver progresso no Brasil não pode haver marginais (marginais são homens sem trabalho). Para não haver mais marginais deve existir empregos para todos.
14	Jangada – Peixe – Coqueiro	O coqueiro e a jangada compõem a paisagem das praias do Nordeste. Todas as pessoas manhã os pescadores saem em suas jangadas em busca do peixe para vender nas praias. Seu trabalho é perigoso e cansativo. O jangadeiro é o herói dos mares bravos.
15	Arraial – Quadrilha	No arraial do Bom Jesus houve festa de S. João e S. Pedro. Os cocos, as cirandas, as quadrilhas são danças populares brasileiras, que enchem de sadia alegria as festas juninas. Havia muito balão, canjica, milho assado e pamonha.
16	Frevo – Ritmo – Guararapes	O Zabumba é uma dança popular. O frevo é uma música típica do povo pernambucano. O maracatu, o samba e o baião são ritmos populares do Nordeste.
17	Caboclinhos – Guararapes	Numerosos conjuntos folclóricos desfilam no carnaval de Recife: caboclinhos, maracatus, escolas de samba, grupos de frevos e troças de ruas. A luta do Nordeste (Guararapes) contra o invasor foi o primeiro surto de nacionalismo no Brasil.
18	Republica – Democracia	O Brasil é uma república? Democracia é o governo do povo, pelo

	– Paz	povo e para ao povo. Todos são iguais perante a lei. A justiça é harmonia, equilíbrio e igualdade nas relações entre os homens. Cristo morreu na cruz regando a justiça sobre a terra. A paz nasce da justiça, (obs.: esta lição inclui uma lista de realizações do MCP).
19	Mapa da América	Alfabetos em letra de imprensa e manuscrita. Mapa do Brasil. Hino Nacional Brasileiro. Índice de ilustrações com indicação de créditos.

Fonte: Livro Educação de Adultos da Sonia Couto Feitosa págs. 46-48.

A cartilha do MCP tinha como objetivo, tratar dos assuntos diários, referindo-se as realidades locais, exaltando o nacionalismo. Um trabalho realizado sem infantilizações, totalmente voltado ao público adulto, sem conter fortes conteúdos lúdicos.

#### 4.2.1 Os fundamentos do Método Paulo Freire

Os fundamentos do Método Paulo Freire, parte-se dos saberes do educando, um dos primeiros trabalhos do educador é mostrar ao educando que ele sabe muitas coisas, no entanto, esse conhecimento está desorganizado. E quando os educandos vão percebendo que já tem algum conhecimento e vão relacionando com os conhecimentos trazidos pelos grupos, de forma positiva, começa-se a aumentar a autoestima e a participação na comunidade em que vivem, ganhando mais autonomia para um maior protagonismo no processo de transformação social.

##### *1.º) Politicidade do Ato Educativo*

Com a intenção de alfabetizar e também tornar os sujeitos cidadãos críticos e conscientes, a politicidade aplicado ao Método Paulo Freire faz-se muito importante para caracterizá-lo.

A visão ingênua que homens e mulheres têm, muitas vezes, da realidade faz deles escravos, na medida em que, não sabendo que podem transformá-la, sujeitam-se a ela como ela é. Essa descrença na possibilidade de intervir na

realidade em que se vive é alimentada pelas cartilhas e manuais escolares que colocam homens e mulheres como observadores e não como sujeitos dessa realidade. (FEITOSA, 2011, p.83)

O alfabetizando quando aprende a escrever e ler uma certa palavra, por consequência do método, aprende também sobre o seu significado, ultrapassando os limites de uma consciência ingênua e ampliando a consciência crítica.

Eram discutidas nos Círculos de Culturas, através de cenas do dia a dia, as diferentes trajetórias, e em paralelo a isso, eram também estudadas as famílias silábicas da palavra apresentada, que os alfabetizandos iam criando um vínculo maior com o valor sonoro de cada sílaba, e ao mesmo tempo, aprendendo a ser mais crítico dentro da sociedade.

O animador dos debates que atuava nos Círculos de Cultura, tinha a função de coordenar e problematizar as discussões, para que não fugisse do foco e também pudesse ser desenvolvidos da melhor maneira. Os animadores deveriam conhecer o universo vocabular dos educandos, para que essa mediação torne-se mais abrangente, dando oportunidade para os alfabetizandos conheçam partes da sua realidade que não eram visíveis.

Contudo, fica clara a preocupação de Paulo Freire não somente com a alfabetização dos educandos, mas consequentemente, com a formação política, exaltando a tomada de consciência e influência na realidade. Nesse sentido, entende-se que o ato político é um ato de tomada de consciência das reais condições sociais e econômicas dos sujeitos e sua possibilidade de reagir as condições desfavoráveis de sua existência, pela educação, pela possibilidade de se reconhecer no mundo como sujeito de sua história.

## *2.º) Dialogicidade do Ato Educativo*

Para Freire, a base da pedagogia é o diálogo, ou seja, precisa haver uma relação dialógica na relação pedagógica. Uma relação mediada pelo diálogo, sustenta uma expansão da intervenção do educando no meio em que vive. Diferente da educação bancária, onde o professor é o detentor do saber e que deposita todo conhecimento no aluno que não sabe nada, como Freire (2011 p.47) afirma “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

O diálogo proposto por Freire tem a pretensão de dar vez e voz aos alfabetizandos e aos alunos de forma geral, nos Círculos de Cultura, para que pudessem falar de sua vida, interesses, histórias e vivências, que se constituíam em ponto chave para a compreensão dos saberes construídos ao longo de sua vida. Através do diálogo, o alfabetizador poderia compreender seus alunos e seu contexto e, a partir dele, desenvolver o seu ensino. É Imprescindível que o diálogo promova a crítica, a autocrítica e a conscientização, sem as quais não pode haver a “leitura de Mundo”.

#### 4.2.2 Momentos do Método Paulo Freire

O Método Paulo Freire tem uma certa sequência de ações, pode-se dizer, que tem uma estrutura, por isso é chamado de método, que para Freire era um método de conhecer do que de ensinar. Será feito um estudo mais aprofundado sobre seu método. E olha-se que existem três momentos na metodologia de Freire:

**1º Momento:** Investigação temática: Pesquisa sociológica: Primeiramente era conhecida a região, e em seguida havia uma busca pelos analfabetos, que eram convidados a se inscrever nos Círculos de Cultura, e assim, começava as entrevistas com os mesmos a partir das suas realidades, e extraíam-se as palavras das vivências e experiências. E a equipe alfabetizadora que colhia estas palavras, selecionava as palavras geradoras, e estas mesmas que seriam as palavras usadas para as discursões. E existia um tema gerador geral, que por meio dele, gerava outras palavras dentro do mesmo contexto, mantendo a relação social.

**2º Momento:** Tematização: Seleção dos temas geradores e das palavras geradoras. Com o tema gerador geral era possível ao educando ir além do conhecimento vivido dele, e a sua consciência crítica começa a ser trabalhada, de forma a torná-lo um cidadão participante ativo no meio que vive. As palavras geradoras eram coletadas do tema gerador geral, e cada palavra seguia de uma ilustração, que originava em outro debate acerca daquele tema, que apresentava um fato sobre a realidade.

**3º Momento:** Problematização: Busca da superação da primeira visão ingênua por uma visão crítica. Feitosa (2011) afirma que após a etapa da investigação

(estudo da realidade), passava-se à seleção das palavras geradoras, que obedecia a três critérios básicos:

- a) Elas deviam necessariamente estar inseridas no contexto social dos educandos.
- b) Deviam possuir um teor pragmático, ou melhor, as palavras deviam abrigar uma pluralidade de engajamento numa dada realidade social, cultural, política etc.
- c) Deveriam ser selecionadas de maneira que sua sequência englobasse todos os fonemas da língua, para que com seu estudo fossem trabalhadas todas as possibilidades fonéticas (FEITOSA, 2011, p. 93-94).

As palavras eram separadas pelo nível de dificuldade fonética, e eram trabalhadas começando do menor para o maior, e os fonemas estudados eram levados para casa, e o aluno era estimulado a construir outras palavras, e perceber as diferenças e semelhanças com as que foram trabalhadas em sala.

Freire divide em cinco fases a execução prática do seu Método:

**1ª Fase:** Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará: Momento de aproximação e conhecimento entre o educador e o educando, onde se conhece a realidade daquele local e suas linguagens.

**2ª Fase:** Escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado: Escolha das palavras, segundo Feitosa (2011) feita com os critérios:

- a) da riqueza fonêmica;
- b) das dificuldades fonéticas, numa sequência gradativa dessas dificuldades;
- c) do teor pragmático da palavra.

**3ª Fase:** Criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se vai trabalhar: Situações que se discutia a realidade, abrindo espaço para a criticidade ser aflorada, mediadas pelos educadores, que ajudavam a decodificar os elementos e explorar as problemáticas.

**4ª Fase:** Elaboração de fichas-roteiro que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho: Para Feitosa, eram fichas que serviam como subsídios, mas sem uma prescrição rígida a seguir.

**5ª Fase:** Elaboração de fichas de descoberta com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores: após chegar a uma palavra geradora, que surgiu do tema geral gerador, depois de muitas problematizações e discursões, para alcançar a consciência crítica do educando por meio da decodificação da imagem em cartaz, ou seja, essa leitura da realidade. O

educando era levado a decodificar a palavra relacionada a ilustração, o educador lia a palavra toda e depois silabicamente e devagar, e em seguida era apresentado um novo cartaz, com a palavra inteira, dividida em sílabas e seus desdobramentos. Com a leitura do cartaz pelos educadores, para maior familiarização, os alfabetizandos repetiam os valores sonoros dos fonemas. Enfatizando as vogais, que mudam o som da sílaba no final, mantendo o som inicial do fonema, o que já abria possibilidade de se trabalhar as famílias silábicas daquela palavra. (FREIRE, 1980; 2003).

Segundo o relatório de Lima<sup>1</sup> (p.81-191,1965), escrito como forma de depoimento individual, o Método Paulo Freire segue algumas normas de aplicação na íntegra, o que vai facilitar o entendimento do método em sua práxis:

*I Características Básicas:*

1. Não necessita de cartilha: o trabalho de alfabetização pode ser feito no quadro negro, numa parede com carvão, com fichas pré-fabricadas, com projetores (a melhor forma, evidentemente), etc., conforme os recursos locais. É, portanto, método que pode ser popularizado independentemente de grandes recursos financeiros, dependendo apenas da boa vontade da pessoa que deseje contribuir para eliminar o analfabetismo no Brasil. Jornais e revistas de grande circulação poderiam incluir em suas edições o material básico para uma campanha nacional de alfabetização.

2. É um método cujo material é de origem local. Usa, para alfabetizar, o vocabulário mais empregado pelo povo da localidade (palavras geradoras). Na escolha das palavras deve-se ter dois cuidados básicos com os vocábulos selecionados:

a) serem palavras de alto conteúdo sociológico e referentes aos aspectos da vida que mais emocionem o grupo de analfabetos. Assim, sentirão eles sua própria vida discutida na hora da alfabetização. Se não forem palavras ricas de vivências, não darão azo à discussão que é fundamental para gerar interesse e ligar a alfabetização aos problemas do indivíduo e da comunidade. Motivar os analfabetos foi sempre o grave obstáculo das campanhas de alfabetização!

b) serem palavras que, em sua sequência, cubram todos os fonemas da

---

<sup>1</sup> LIMA, Lauro de Oliveira. **Tecnologia, educação e democracia**. Editora Civilização brasileira s.a., Rio de Janeiro, 1965

Língua Portuguesa, de modo que, através delas, sejam estudadas todas as dificuldades da leitura. O somatório das sílabas em que se decompõem as palavras deve equivaler ao total de situações fonéticas da língua. Selecionam-se palavras através de uma pesquisa do Universo Vocabular da comunidade, mediante entrevistas prévias com os grupos que serão alfabetizados. Uma equipe técnica, depois, seleciona as palavras que cubram a variedade de fonemas da língua, explorando assim as dificuldades da leitura, dando preferência às que demonstraram maior expoente sociológico.

3. As palavras geradoras (ou alfabetizadoras, digamos assim) devem ser apresentadas num contexto sociológico (uma cena local que possa ser resumida pela palavra). Este contexto figurativo da sustentação psicológica à palavra na mente do analfabeto, permitindo que ela gere outras palavras e funcione como chave.

4. As palavras são apresentadas através de uma figura: com apoio na figura deve ser feita a discussão com o grupo que está sendo alfabetizado. O papel do coordenador (alfabetizador) é fazer o grupo explorar a figura em todas as dimensões possíveis. Quanto mais vivo o debate, quanto mais ideias aparecem, mais rico é o processo de tomada de consciência e de fixação da Palavra Chave. O coordenador apenas estimula a discussão do grupo. Não tem importância (é até bom) que a discussão seja prolongada e viva. [...]

5. A alfabetização, pois, realiza-se em situação de grupo. Quem alfabetiza não é o coordenador: o próprio grupo se alfabetiza pela discussão. Isto é fundamental. Daí o coordenador deve ser pessoa inteligente que estimule e não iniba o grupo. Se for feita a discussão na penumbra, melhor, porque as pessoas do grupo perdem mais facilmente a inibição (compare-se a situação com o gabinete da psicanalista).

6. Apreendida a palavra, passa-se aos fonemas(sílabas). As sílabas são apresentadas como chave de uma enigma (charada, problema) que deve ser decifrado pelo grupo. O grupo deve ser estimulado pelo coordenador a descobrir novas palavras, a fazer palavras, a encontrar semelhanças e diferenças. Não se diz que tal letra é de tal forma: pede-se que o grupo descubra a diferença entre J e um T, entre um A e um E, etc. é sempre o grupo que deve descobrir a forma das letras, das sílabas, das palavras: é o melhor exercício de fixação. Deixar que eles usem seu próprio vocabulário para descrever as sílabas, com as comparações a que estão acostumados: aceitar a linguagem do analfabeto.

7. Os fonemas apresentados numa aula são copiados numa ficha e dados a

cada participante para levar para casa onde tentarão formar novas palavras. Veja-se, portanto, que não se apresenta ao analfabeto algo para ler, mas material silábico para ele fazer palavras: é atitude inteiramente nova em alfabetização. Em vez de um homem passivo diante do texto, temos um homem ativo construindo palavras com as chaves (sílabas) que ele descobriu na palavra geradora. Isto é fundamental no processo.

8. A escrita é concomitante. (Geralmente, feita como dever de casa). Logo que se apresenta uma palavra, no próprio ato de visualizá-la, começa-se, inconscientemente, a ensinar a escrita. Quando o analfabeto descobre que (por exemplo) o J é “um poste com uma voltinha embaixo” (lá em sua forma pitoresca de comparar) já aprendeu psicologicamente, a escrever. Falta apenas treinar a reprodução gráfica, o que poderá ser feito em classe ou em casa. Para ensinar a escrita, pois, o coordenador terá que fazer o grupo estudar cada letra. A melhor maneira de estudá-la é perguntar: “Com que se parece um G?” ou então: “Qual a diferença entre E e F?” Cada detalhe da letra deve ser estudado para facilitar a escrita. Todo homem analfabeto sabe riscar na areia, por exemplo, uma marca de gado: (ferro – como eles dizem) porque não saberia reproduzir uma letra que não foi estudada em grupo?

9. É inteiramente diferente, pois, o comportamento de professor no método: nada é feito por ele, tudo é feito pelo aluno. Seu papel é fazer ver aquilo que o analfabeto não viu. Aliás, esta técnica é hoje adotada nas escolas de qualquer grau... Não se põe o analfabeto diante de um texto que deve ser decorado, mas diante de um problema (ou de uma codificação) que deve ser resolvido pelo grupo (decodificado). Esta forma de agir dá dignidade ao grupo, faz sentir-se importante, participante, construtor, desafiado diante de uma situação de que exige resposta inteligente. O período de visualização e de decodificação deve ser tão longo quanto necessário para fazer comentado pelo grupo todos os detalhes da situação.

10. O professor (o coordenador) deve alternar as perguntas, ora visualizando o detalhe, ora chamando a atenção para o conjunto. A percepção é uma *gestalt*, uma estrutura, uma totalidade: só se fixa se for transformada em situação total (ponto importante que os métodos catequético, heurístico, etc. não levam em conta). É a estrutura que sustenta a permanência da aprendizagem das pessoas. É por isto que o método é tão eficiente: não se ensinam milhares de detalhes, mas alguns conjuntos (palavras geradoras) que servem de chave a toda leitura. Eis por que com tão poucas

palavras se pode alfabetizar. Pelos demais métodos, é quase necessário aprender a ler cada palavra de *per si*.

## *II. Período inicial de motivação e tomada de consciência*

1. O método não lança o analfabeto, de chofre, no processo alfabetizador. Inicia-se por longo período de motivação e de tomada de consciência. A maioria das pessoas analfabetas não está muito interessada em alfabetizar-se. É preciso que o homem compreenda que seu analfabetismo é uma diminuição de sua dignidade de homem. Que está fechada para ele uma porta fundamental por onde entra a Cultura. É preciso que ele venha a ter pejo de ser analfabeto.

2. “Todos os homens foram feitos iguais”, diz a doutrina cristã, dizem as constituições. Mas na prática o que existem são pessoas, psicologicamente, dominadas e pessoas dominadoras. É preciso, pois, transmitir, inicialmente, ao homem analfabeto a convicção de que todos nós somos iguais e que não deve haver homens privilegiados em face de seus irmãos. A leitura assim é a porta que abre caminho para um mundo que estava vetado ao analfabeto. Então é ocasião de se falar sobre o conceito de democracia, como sistema de governo em que todos deliberam através de seus representantes.

3. Em geral, os analfabetos são profundamente pessimistas e fatalistas (“A sorte Deus é quem dá”. “Eu não tenho estrela”. “Quem quer ser grande nasce viçoso”, etc., etc.) - dizem eles. Este fatalismo faz deles sub-homens. É preciso, pois, mostrar a cada homem que ele tem a dignidade de rei da Criação. Seus molambos encobrem o mais perfeito ser do Universo- o Homem. Estes *slogans* ou provérbios são uma forma verbalizada de autodefesa diante das probabilidades de fracasso em qualquer esforço. O nosso jeca tatu já dizia: “Plantando, da...”, como se dissesse que não valia a pena plantar. É preciso, pois, fazer o grupo escapar a esse mórbido fatalismo que bloqueia qualquer atitude de esforço.

4. Não têm os analfabetos ideia de que são criadores. Que criar é típico do homem. Que não importa o tipo de criação. Todas dignificam o homem. A panela de barro feita pela velhinha encarquilhada é obra de criação equivalente ao poema ou à sinfonia do artista. Que criar fá-lo imagem e semelhança de Deus: isto deve ser transmitido ao analfabeto, através da discussão do grupo.

5. O analfabeto não sabe que a roupa de couro que fabrica é Cultura. Não

sabe que a casa que constrói é Cultura. Pensa que há homens que tem poder magico e que são os donos do mundo. Não tem sequer coragem de criticar. O mundo pra eles é uma magia incompreensível. Não são, pois, de fato, homens. São objetos manipulados por outros homens. É preciso, pois, primeiro fazê-los descobrir sua dignidade e mostrar que eles podem ser donos do seu destino, fazê-los compreender que o homem não é um brinquedo na mão da natureza, mas que pode controlá-la e por suas forças a serviço dos objetivos da humanidade. Se isto não é possível, se os acontecimentos independem de sua vontade, qualquer esforço é inútil... Neste caso, para que aprender a ler?

6. Deve crer que democracia é o regime do Homem Comum. Que todos podem dirigir sua vida e a de seu grupo. Que o bom senso natural pode conduzir o homem em seu caminho: para isto ele mesmo (analfabeto) recebeu inteligência de Deus. Que para participar da vida nacional tem que adquirir instrumental de participação como a leitura.

7. É preciso convencer o analfabeto de que ele é o ser mais perfeito da criação. Que ele pode dominar a natureza e pô-la a seu serviço. Que tudo que o homem constrói é uma forma de domínio de natureza. Que à medida que o homem se torna mais poderoso pela acumulação de cultura (fazer casa, pontes, poemas, sinfonias, etc.), a natureza se torna sua serva. Que é preciso enfrentar a natureza como rei da criação. Que o instrumento fundamental para este domínio é a leitura.

8. O analfabeto não sabe que já é culto: e ele sabe tantas coisas que os homens cultos não sabem! ... Perguntem ao pedreiro do grupo como se faz uma casa: ele dará verdadeira lição ao grupo. Cada membro deve saber fazer alguma coisa: basta o coordenador explorar este aspecto da Cultura do grupo. Convencido disto, dar-se-á um fenômeno de euforia, de autoconfiança e estará ele motivado para a aprendizagem da leitura, esta porta para outra forma de Cultura...

9. Produz-se, assim, um desequilíbrio psicológico na tranquila segurança do analfabeto: ele já não é conformista. Ele sabe agora que sabe. Ele sabe agora que já vem dominando a natureza. Ele sabe agora que é um Homem como os outros. Ele sabe agora que estava passivo e que pode ficar ativo. Ele sabe agora que é dono do mundo. – É um Homem.

10. Está, então, preparado para o esforço tremendo de alfabetização. Está motivado. Está alegre porque entrará, pela leitura, num mundo novo. Não teria sentido alfabetizar apenas “para ferrar o nome” como eles dizem: é uma nova vida que se

inicia com a alfabetização. O coordenador que não conseguir este estado de espírito de seu círculo de cultura, é melhor parar: nada estará fazendo, realmente, pelos seus irmãos...e, provavelmente, não conseguirá alfabetizá-los.

Apresentado cada quadro, deve o coordenador do círculo de cultura levar o grupo a visualizá-lo antes de proceder a discussão. Visualizar é perceber o significado do conjunto e a funcionalidade de cada uma de suas partes. É ajudar a “ver”, mas ver para além das aparências. É o que se chama, em psicologia, leitura da experiência. A perfeita visualização decorre de uma “atividade perceptiva” em que todos os aspectos figurativos são analisados e criticados, com a dupla finalidade de fixação da cena apresentada e de preparação do grupo para a fase seguinte. Terminada esta, inicia-se a discussão, funcionando o coordenador como estimulador.

### *III. Quadros iniciais de conscientização emotivação*

1. O homem diante da natureza e da cultura (Casal, de costas para o espectador, contemplando uma paisagem que contem casa, obras humanas, pássaros, animais, arvores, etc.) - Que é obra do homem? Que é obra da natureza? Como modifica o homem a natureza? Como faz cultura? Por que faz o homem cultura? Por que modifica a natureza? Como se guarda a cultura? Como se transmite a cultura? Como a natureza se reproduz? Qual a diferença? – *Feitas estas perguntas, deixar o grupo discuti-las amplamente.*

2. *Um índio atirando uma flecha num pássaro que voa:* - Que é um índio? Que instrumentos usa? Que é um pássaro? Qual a relação entre o pássaro e o índio? Por que atira no pássaro? Com que atira? De onde tirou o arco? Como fez o arco? O arco é cultura? Como se veste o índio? Etc., etc., etc... *Estimular a discussão, resumi-la.*

3. *Um caçador matuto (tabaréu) caçando de espingarda.* Qual é a diferença entre este quadro e o anterior? A diferença entre o selvagem e o civilizado? Por que são diferentes? Por que usam instrumentos de caça diferentes? Como se vestem? Qual o mais poderoso diante da natureza? Por quê? Etc., etc., etc... *Interpretar as observações.*

4. *Um gato caçando um rato.* Qual a diferença entre um índio, um tabaréu e um gato que caçam? Pode-se dizer que ai há três graus de civilização? Qual o mais hábil? Quais as diferenças entre os três? Por que são diferentes? Quem é mais humano? Por que o homem deixou de caçar? Que substitui hoje a caça? Como se

chama esta transformação? Como é melhor? Como o índio? Como o gato? Ou como o caçador? Ou como hoje? Por quê? *Provocar a emulação entre os membros do grupo.*

5. *Uma mulher debaixo de uma tenda de palha fazendo louça de barro.* Qual a diferença entre esta mulher e os caçadores dos quadros anteriores? Das pessoas presentes quais são como a mulher? Quais são como o caçador? Como será a vida de cada um destes personagens? Como será que eles vivem? Que existe por trás destas atitudes? Esta mulher está fazendo cultura? Quem mais faz cultura? No grupo, todos fazem cultura? Quem é mais adiantado: a mulher, o caçador ou o índio? Por quê? Esta mulher sabe ler? Precisa a saber ler? E se soubesse ler? Ela é feliz? O índio é feliz? *Comentar a melhor observação.*

6. *Um prato, uma moringa, uma panela, tudo de barro, produto do trabalho da mulher.* Isto é natureza ou cultura? Quem fez estes objetos? Quando morrer esta mulher, ficarão as obras que fez? Por que ela faz louça de barro? Quando ela termina seu trabalho, que acontece com os objetos que ela fez? Na panela, no prato, na moringa, está a mulher? Ou estas coisas agora não são mais dela? E se ela vender estes objetos ou doá-los? Ela vende os objetos que faz no seu trabalho? Esta mulher podia fazer uma cidade? Um automóvel? E os operários que fazem geladeiras, mesas, casas, são como esta mulher? De quem são as coisas que o homem faz? Quem fez todas as que existem no mundo? Por que o homem faz coisas? Por que não ficou como o índio em sua maloca? Por que todos os dias aparecem novas coisas feitas pelo homem? Por que uns homens tem coisas e outros não? Por que as coisas que o homem faz podem ser vendidas? Vender é perder a autoria dos objetos? E os homens que fazem coisas para outros homens? Cada membro do grupo diga o que sabe fazer. *Desbloquear os inibidos.*

7. *Dois cantadores tocando viola e um rádio ao lado.* O homem faz apenas coisas? Um compositor de samba faz coisas? É uma coisa um samba? Um cantador é também um produtor? Por que uns homens fazem cantorias, versos, livros, discursos e outros fazem casas, estradas, objetos? As coisas que o cantador e o escritor fazem podem ser conservadas como uma casa? Quando você ouve um cantador, um sambista, um discursador, o que ele diz passa a seu ou deles? Como pode um samba feito por um sambista vir a ser de todos? Um rádio é uma coisa? Como fala e canta? Qual a diferença entre um rádio e um livro? Pra que servem os livros? Como podem os homens guardar tudo que inventam? Quem lhe ensinou sua

profissão? Você ensina sua profissão a outro? A quantas pessoas? Que é ser professor? Você é um professor quando ensina ao outro sua profissão? Um livro pode ensinar uma profissão? Que podem ensinar os livros? O rádio ensina? Quem fala no rádio? O jornal ensina? Quem escreve no jornal? O rádio diz sempre a verdade?

*Alternar perguntas individuais com perguntas gerais dirigidas a todo grupo.*

8. *Um vaqueiro do nordeste.* Por quê este homem se veste de couro? Por que vocês não se vestem de couro? Por que você – olhando esta figura – sabe que é um vaqueiro? Pode-se saber de onde são as pessoas olhando como se vestem? Por que variam as roupas das pessoas, as casas, os alimentos que comem? Os operários das fábricas usam roupas típicas como os vaqueiros? *Fazer resumo das opiniões expendidas.*

9. *Um gaúcho de bombachas.* Por que este homem se veste diferente do vaqueiro? É ele também um vaqueiro? Por que cada pessoa deste círculo se veste diferente? Como se chama a maneira que cada pessoa tem de se vestir, de fazer suas casas, de comer, de adorar a Deus? Todos deviam vestir-se iguais? *Contrapor as opiniões discordantes.*

10. *Um círculo de cultura.* (Uma porção de pessoas, o coordenador, um quadro negro ou uma figura, todos discutindo). – que fazem estas pessoas? Que querem elas? Por que estão assim? Que discutem? Por que discutem os homens? Todos os homens tem as mesmas opiniões sobre as coisas? Devem os homens discutir? A discussão divide os homens? Os homens devem ser unidos? Eles querem aprender a ler? Você quer aprender a ler? Para quê? *Resumo geral.* Preparar o grupo para a primeira aula de alfabetização. Pedir que cada membro do grupo cuide de um companheiro, quanto à frequência e o aproveitamento. Fazer subgrupos.

### *Explicação Final*

Estes quadros foram planejados para levar o indivíduo ao desejo e à necessidade de aprender a ler. Através deles, o coordenador deve fazer o grupo discutir toda realidade. Se a discussão se encaminhar para temas fora do quadro não tem importância: é até sinal de vitalidade do grupo. Quanto mais tempo e mais ricamente o quadro for discutido, melhor será o coordenador. Quando terminar este trabalho, o grupo estará homogêneo, já se entende, já fez uma espécie de catarse de seus problemas, está ansioso para ver se pode mudar. É hora, portanto, de aprender

a ler. Não uma leitura para votar, para assinar o nome – mas, para ser mais cidadão, mais homem, mais participante, mais culto... (LIMA ,1965, p.191)

A partir das discussões dos conteúdos contidas nas fichas, esperava-se a mudança de comportamento dos educandos, deixando o conformismo e sendo os fazedores deste mundo da cultura (BEISIEGEL, 1982, p. 148), uma vez que cultura é toda criação humana, é toda forma de se comportar. Ainda comenta que:

A conclusão dos debates, assim entendia Paulo Freire, devia girar “em torno da dimensão da cultura enquanto aquisição sistemática da experiência humana”. E o domínio das técnicas da comunicação escrita constituía o melhor instrumento de aquisição da experiência acumulada. (BEISIEGEL, 1982, p. 148)

Depois de todo esse processo de introdução ao estudo da cultura, iniciava-se o processo de alfabetização. Visto que, após os educandos aprenderem a fazer a leitura de mundo, eles aprendiam a fazer a leitura de palavras.

Essa é a esperança que se pode ter na educação [...] Acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo.” (BRANDÃO, 2007, p.110)

Os educandos podem e devem questionar tudo o que está acontecendo, e os educadores devem, de forma positiva, incentivar os alunos a fazê-lo. Afinal, a esperança está na educação.

## **5 PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EJA:** uma investigação sobre os saberes teórico-práticos dos professores sobre o Método Paulo Freire

### **5.1 Abordagem metodológica**

Como foi planejado desde o projeto, optou-se por uma abordagem qualitativa de investigação. Adotou-se como técnica e instrumento principal nesta pesquisa a aplicação de uma entrevista semiestruturada com os sujeitos que atuam na alfabetização dos jovens e adultos, com realização previamente agendada com cada equipe. A entrevista semiestruturada constou de um conjunto de questões previamente estabelecidas, mas incluiu outras questões de acordo com o andamento das investigações. Todos os sujeitos foram previamente contactados para a realização da entrevista. Os dados obtidos com esse procedimento foram analisados à luz dos estudos feitos sobre o histórico e a legislação da EJA e dos fundamentos sobre os aportes e método.

Assim como Doxsey e Riz (2003, pg. 38- 39) citam:

(...) trata-se de um estudo empírico, no qual o pesquisador sai do campo para conhecer determinada realidade, no interior da qual usando, os instrumentos e técnicas especificadas, coleta de dados para sua pesquisa. A escolha de um método específico depende principalmente de objeto de estudo, mas o fator tempo e a necessidade para usar um ou vários métodos em conjunto influenciaram a seleção. Pesquisadores iniciantes não precisam ter domínio ou conhecimento de todos os métodos apresentados no quadro, mas é importante saber da abrangência de possibilidades disponíveis. Alguns tipos de estudo usam mais do que um método ou técnica de coleta de dados. O bom estudo de caso exige a utilização de documentos, da observação e da coleta de informações diretamente com os principais atores envolvidos no problema.

Este estudo tem um caráter introdutório e utiliza, como recomenda a citação acima, documentos legais importantes, artigos e produções para embasar esta análise. No roteiro da entrevista (apêndice A), foram pontuadas questões referentes à formação, tempo de trabalho com a EJA, locais de trabalho e turmas, conhecimentos pedagógicos a respeito do método, formação continuada, práticas pedagógicas, recursos, dificuldades e desafios na ótica dos professores entrevistados. Estes dados serão cruzados e analisados conforme os estudos legais e teóricos, considerando a

realidade de cada um dos sujeitos envolvidos.

### 5.1.1 Procedimentos metodológicos

Para efetivar a investigação, conforme informações buscadas, foram escolhidas três escolas, com localidades bem distintas para investigarmos alguns dos professores. As entrevistas foram feitas com professores que estão ligados à rede municipal de ensino. Conforme Gil (2002,p.117), destaca-se que:

A entrevista é técnica de interrogação mais flexível, e que se caracteriza como informal quando é uma simples conversação focalizada com o tema específico, parcialmente estruturado, guiado parcialmente pelo entrevistador e totalmente estruturado, onde segue a ordem de um questionário de um questionário bem estruturado, com o objetivo de conhecer ou medir; opiniões, interesses, crenças, sentimentos, expectativas, aspectos de personalidade, informações biográficas e situações vivenciadas.

Sobre essa técnica, procura-se sistematizar uma entrevista de forma que os professores respondessem de forma descontraída, deixando claras as suas opiniões impressões e interesses. Para cada escola, estima-se três professores ou dois professoras dos anos iniciais do ensino fundamental equivalente à etapa de alfabetização de jovens e adultos, primeiro ciclo da alfabetização, que foi o nosso objetivo.

### 5.1.2 Os sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram envolvidos através de uma sensibilização com a autorização da Superintendência da Educação de Jovens e Adultos que permitirá nossa visita às escolas onde essa modalidade de ensino é oferecida segundo informações preliminares da SEMED, existem poucas escolas na Rede Municipal de Ensino Fundamental em São Luís, que oferecem EJA. Porém, sendo um campo muito vasto, optou-se por entrevistar os professores que atuam na alfabetização dos jovens e adultos, com turmas do 1º ao 4º ano, ciclo I e II.

## 5.2 Caracterização das Escolas

Foram escolhidas três escolas mantidas pela Secretaria Municipal de Educação para fazer a pesquisa, todas funcionam nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), pois as referidas escolas oferecem o Ensino Fundamental I, onde encontramos professores que atuam na alfabetização dos jovens e adultos, em turmas de 1º ao 4º ano, ciclo I e II.

A primeira foi a U. E. B. Alberto Pinheiro, onde foi feita a entrevista com duas professoras alfabetizadoras da EJA. A escola está localizada na área urbana de São Luís, na avenida Parque Urbano Santos, bairro do Centro, com o CEP 65020-130, que tem por código do INEP 21240426. Uma importante e tradicional escola de São Luís, a U. E. B. Alberto Pinheiro foi fundada há 85 anos e é um prédio tombado como Patrimônio Histórico, foi reformada no ano de 2017, pela prefeitura, melhorando as instalações e toda a infraestrutura, como quadra esportiva e climatização nas salas de aula. A escola possui cerca de 800 alunos matriculados, divididos entre educação infantil, ensino fundamental e EJA. Funciona nos três turnos, tem 08 salas de aula, cozinha, sala de secretaria, biblioteca, pátio descoberto, sala de diretoria, banheiros, 21 funcionários e área verde.

A segunda foi a U. E. B. Newton Neves, onde foi feita a entrevista com uma professora alfabetizadora da EJA. A escola está localizada na área urbana de São Luís, na avenida Projetada, bairro da Vila Palmeira, com o CEP 65047-390, que tem por código do INEP 21022151. A escola possui 8 salas de aula, sala de professores, quadra de esportes descobertas, banheiros, sala de secretaria, almoxarifado, laboratório de informática, cozinha, sala de diretoria, 67 funcionários e biblioteca. Construída e inaugurada em 1980, somente ano de 2016, a escola passou por obras de requalificação implementadas pela prefeitura, por meio de um programa de melhoria da infraestrutura da rede municipal de ensino. Hoje atende o ensino fundamental I e II e EJA (Ensino Fundamental).

A terceira foi a U. E. B. Luís Viana, onde foi feita a entrevista com duas professoras alfabetizadoras da EJA. A escola está localizada na área urbana de São Luís, na avenida Dom José Delgado, bairro da Alemanha, com o CEP 65036-810, que tem por código do INEP 21016976. A escola possui sala de diretoria, laboratório de informática, quadra de esportes descobertas, cozinha, banheiros, secretaria,

refeitório, auditório, sala de professores, biblioteca, despensa, 36 salas, 102 funcionários e sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado. Atualmente, oferta o ensino fundamental e EJA.

### 5.3 Resultados e Análise

A pesquisa foi extremamente importante para nortear a forma como se é trabalhada a EJA nas escolas públicas, contudo, a partir da entrevista, observou-se que o método do educador Paulo Freire foi recomendado para ser utilizado nas metodologias aplicadas em sala de aula, desbravador da modalidade de ensino EJA. Com essa entrevista, compreendemos a seriedade da metodologia para os jovens e adultos atuantes da EJA, e de como possibilita a aprendizagem significativa destes.

Partindo do ponto que o ensino da EJA é essencial na vida de alguns alfabetizando, esta entrevista permitiu um conhecimento mais amplo de como o trabalho é realizado, incluindo as práticas pedagógicas dos docentes responsáveis pela alfabetização.

Na Escola U. E. B. Alberto Pinheiro há 2 professoras alfabetizadoras da EJA, então vamos tratar a elas como Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1, que é pedagoga e pós-graduada em educação especial e tem 8 anos de atuação na EJA e Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2, que é pedagoga e há 27 anos atua na EJA, para manter o sigilo dos nomes, que foi opcional durante a entrevista.

Quando perguntadas se conhecem o Método Paulo Freire, a resposta foi positiva para ambas, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 respondeu: “Sim, é o norte da minha prática pedagógica” e a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2, respondeu que: “Sim, valorizo o conhecimento que o aluno apresenta”. Questionadas sobre o desenvolvimento do Método Paulo Freire em sua sala de aula, as professoras afirmam que utilizam do método, e a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 afirma: “Desenvolvendo atividades que fazem sentidos para a vida dos educandos”, já a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2 comenta que: “O planejamento é bem flexível, as aulas acontecem de acordo com a necessidade do aluno”.

Contudo, o Método não é aplicado em sua integridade, mas os fundamentos que são a politicidade e o diálogo são utilizados e explorados durante as aulas. O

Método possui fases, as quais não são realizadas em sala de aula. Entretanto, existe a disponibilidade para o diálogo, como Feitosa (2011, p.74) afirma:

Como um dos princípios freirianos, o dialogo coloca-se aqui como o encontro entre sujeitos que agem e com sua ação transformam o mundo. A relação pedagógica pautada pelo dialogo confere a educandos e educadores a capacidade de reinventarem o mundo. Mais do que a mera pronuncia de discursos, o diálogo promove a aproximação de consciências, por isso é tão importante a disponibilidade para a sua conscientização.

Sobre as dificuldades encontradas na aplicação do Método Paulo Freire, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 diz que: “As vezes por questões curriculares”, enquanto a prof.<sup>a</sup>02 afirma que: “Tento trabalhar da melhor forma para sanar a falta de material didático”.

O Método Paulo Freire necessita de formadores que saibam como funciona e também que busquem a todo tempo se reinventar e fazer pesquisas. Para Feitosa (2011, p.66):

Educador e educando, embora em situações diferentes, são sujeitos em constante processo de formação. Aprendemos o tempo todo e a busca por diferentes saberes faz parte da natureza humana. Nesse sentido, cabe ao educador ou educadora ser um pesquisador em busca de respostas as suas próprias indagações e, ao mesmo tempo, fomentar no educando o desejo de saber mais.

Perguntadas se já tiveram alguma formação específica sobre a metodologia de Paulo Freire, ambas responderam que não. A respeito das dúvidas em relação a aplicação do método Paulo Freire, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1, que: “Consigno desenvolver as atividades baseadas no método, não tenho dúvidas, pelo menos que eu lembre”.

Quando questionadas se existe a formação para trabalhar na EJA, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 afirma: “Não fomos formados na universidade especificamente para trabalhar na EJA, mas atualmente a SEMED desenvolve formações”, e a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2 certifica que: “Sim”.

A respeito das práticas pedagógicas (metodologias de ensino), a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 fala que usa: “Diversas. Tento trabalhar com textos relevantes e projetos”. Já a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2 trabalha com a: “Alfabetização visando o letramento”.

Os educadores e alfabetizadores precisam buscar meios para reinventar suas aulas diariamente, para que o aluno se sinta acolhido e com a vontade de estar presente todos os dias.

Partimos sempre da reflexão crítica sobre a prática e temos observado que o cotidiano do educador precisa ser ressignificado. A palavra cotidiano já nos remete à ideia de repetição, falta de novidade, manutenção de ações, atitudes, posturas. Essas práticas, embora estejam muito presentes em algumas salas de aula, são a arte de educar. (FEITOSA, 2011, p.105)

Sobre a maneira como são organizadas as aulas, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 afirma “Através do planejamento didático” e a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2: “Faço os planejamentos utilizando textos, xerox e etc.”. Perguntadas se utilizam algum material e/ou recurso didático na aulas, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 usa: “Xerox, Datashow, material concreto, revistas e jornais”, e a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2 usa: “Textos, revistas, jornais e etc.”.

Ser professor, e ser um alfabetizador estabelece que este seja um profissional empenhado para que seus alunos possam se libertar e com a ajuda de um bom material didático eles façam a sua própria leitura de mundo.

Por outro lado, ao produzir textos das mais diferentes modalidades, o sujeito passa a criar, a escrever, a expressar suas emoções. Começa a fazer uso da linguagem escrita, exprimindo o que sente e entendendo a expressão escrita do outro. Reinventa, reescreve, redescobre-se. Percebe as consequências de todo este processo no seu dia-a-dia e no cotidiano das pessoas com as quais estabelece relações. Encontra o seu espaço de luta contra as diferenças. Passa a ler, relacionar fatos, acontecimentos, enfim, liberta-se. Usa a linguagem para fazer a sua própria “leitura de mundo”. (FEITOSA, 2011, p.132)

Diante das dificuldades e desafios de atuar na EJA, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 aponta que: “O apoio da secretaria da educação e a gestão, e também os alunos que são infrequentes”. A Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2, cita: “A violência, evasão, apoio da gestão e de todo o sistema”. Interrogadas como a EJA atualmente ajuda os educandos, e qual a diferença percebida, a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>1 coloca que: “A EJA tem sido referência na vida dos educandos, inclusive dando novos sentidos”. E a Prof.<sup>a</sup> n<sup>o</sup>2 respondeu que: “Sim, na alfabetização”.

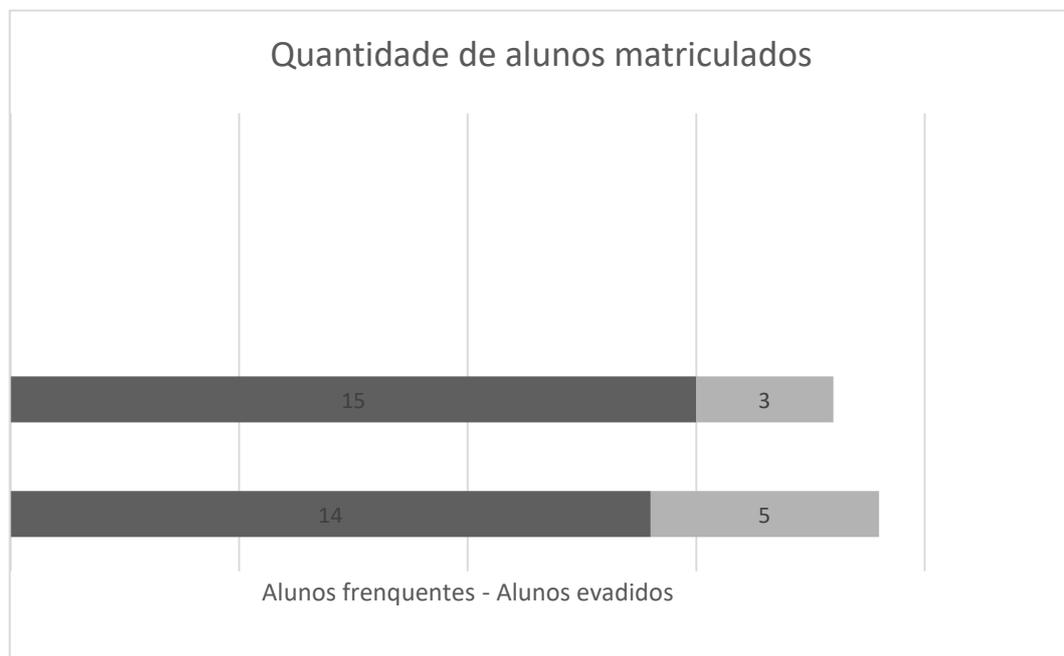
Os espaços escolares precisam acolher os alunos e professores, para que a aprendizagem seja garantida, visto que a escola é uma das instituições mais antigas da sociedade.

Para tanto, um dos caminhos é adotar, nas práticas cotidianas, a responsabilidade necessária para o diálogo e a interação entre o sujeito que ensina (e aprende ao ensinar) e o sujeito que constrói uma aprendizagem significativa e libertadora. Isto só será possível com investimento pesado, com políticas públicas eficazes, formação continuada de educadores, pesquisas e publicações, com a parceria dos meios de comunicação, com o

aporte de documentos oficiais que tratam desta temática, etc. (FEITOSA, 2011, p.147)

Por fim, abaixo mostramos um gráfico do quantitativos de alunos matriculados por turma e a sua taxa de evasão, ou seja, alunos que se matricularam, mas que por algum motivo deixaram de frequentar as salas de aulas, deixando de buscar o aprendizado necessário:

**Gráfico 01:** Quantidade de alunos matriculados por turma e a taxa de evasão da UEB Alberto Pinheiro – Salas de alfabetização



Fonte: dados coletados pela autora a partir da entrevista aplicada.

Analisando o gráfico, foi possível perceber que os alunos que evadiram não são muitos, mas que fazem a diferença, temos um total aproximado de 16,67% de alunos que evadiram na primeira turma e um valor aproximado de 83,33% de alunos que frequentam. É importante também saber os motivos que levam os alunos a evadirem.

[...] Porém, não podemos deixar de considerar que a metodologia adotada pelo educador tem um peso importante nessa decisão. Aula monótonas, em que o educando passa parte do tempo repetindo em voz alta a ladainha do educador e outra parte copiando o 'ponto' da lousa, são motivos mais do que suficientes para o educando sair correndo. (FEITOSA, 2011, p.115-116)

Já na segunda turma, observamos que a taxa de evasão é um pouco maior, com um valor aproximado de 26,30% de alunos evadidos e aproximadamente 73,70% de alunos que frequentam, tendo em vista nos dois casos, o número de alunos que foram matriculados.

Na escola U.E.B. Newton Neves só tem 1 professora alfabetizadora, que é pedagoga e especialista, que trabalha há 7 na EJA.

É uma profissional que conhece o método Paulo Freire e acha importante para a sua prática na EJA, “Os nossos alunos da EJA são geralmente idosos e trabalhadores, então precisa-se construir juntamente com eles o método de alfabetização”. Perguntada de que forma é desenvolvido o Método Paulo Freire em sua sala de aula, ela respondeu: “A partir da história de vida de cada um, contextualizamos os nossos temas”.

Querer bem aos educandos é um saber que dá condições necessárias para o bom desenvolvimento das ações pedagógicas, não existe uma receita pronta, mas cabe ao educador procurar meios que seus alunos aprendam, como cita Feitosa (2011, p.74):

Como ser amoroso que era, Freire colocou a afetividade na categoria de saber necessário à prática educativa. Para ele, esse querer bem está explicitado na forma como nos relacionamos com os educandos, falando com eles, ao invés de falarmos a eles, respeitando seus saberes, sua cultura, sua curiosidade, suas diferenças. Querer bem aos educandos é não negar-lhes o direito a uma educação de qualidade para todos, é reconhecer seus direitos, sem paternalismos.

Quando questionada sobre as dificuldades encontradas na aplicação do método, a professora nº03 explica que é: “Fazer com que o aluno fale, participando coletivamente”.

Como Feitosa cita (2011, p.116) “Pensar e repensar a prática torna-se, portanto, uma exigência para o educador”, os educadores tem que ter o desejo de mudar, para que suas aulas tornem-se mais atrativas para quem está participando.

A prof.<sup>a</sup> nº03 afirma que já teve alguma formação específica sobre a metodologia de Paulo Freire, mas quando perguntada sobre suas dúvidas em relação à aplicação do método, a resposta foi: “Cada dia inovar sem perder o foco/direção. Estou sempre buscando estratégia que leve meus alunos a aprendizagens e a satisfação pessoal, pois cada um busca um sonho”. Interrogada se existe formação

para trabalhar na EJA, a resposta foi positiva, dizendo que: “Sempre temos formações”.

Para tanto, os educadores precisam repensar suas práticas, fazendo uma reflexão sobre as mesmas e como a prática docente crítica, implicante do pensar certo, pode ser fundamental para a vida dos educadores e educandos.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico” da prática enquanto objeto de sua análise deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 2011, p.40)

Sobre suas práticas pedagógica (metodologias de ensino), a professora utiliza de: “Roda de conversa e usa recursos como: bingo, caça-palavras e gêneros textuais do dia-a-dia”, e organiza suas aulas em fileiras, círculos ou meia lua. Interessante, porque a professora está buscando formas variadas de acolher seus alunos, para que as suas aulas possam se diferenciar e de acordo com Feitosa (2011, p.116) “[...] É necessário mudar, justamente, para o educador não formar hábitos cansativos, repetitivos, monótonos.”

A respeito das dificuldades encontradas e desafios em atuar na EJA, a prof.<sup>a</sup> aponta que: “A maioria dos alunos não são alfabetizados e tem muitas dificuldades para aprender”. A propósito de como a EJA ajuda os educandos, a prof.<sup>a</sup> coloca o PIP (Plano de Intervenção Pedagógico).

É preciso ter um esforço para conscientizar, e ensinar a escrita e a leitura da palavra, incentivando a leitura do mundo e da palavra. Para Freire (2011, p.81):

A alfabetização, por exemplo, numa área de miséria só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extrojeção da culpa indevida. A isto corresponde a “expulsão” do opressor de “dentro” do oprimido, enquanto *sombra* invasora.

Logo abaixo veremos outro gráfico, representando os alunos matriculados neste ano de 2019 na sala de alfabetização da escola e a taxa de evasão desde o início do ano:

**Gráfico 02:** Quantidade de alunos matriculados e a taxa de evasão na UEB Newton Neves – Sala de alfabetização



Fonte: dados coletados pela autora a partir da entrevista aplicada.

Notamos que a turma não possui muitos alunos matriculados, mas a taxa de alunos que evadiram é baixa em comparação com os alunos frequentes. Vemos que quase 27,28% dos alunos evadiram, enquanto aproximadamente 72,72% são frequentes.

Na U.E.B. Luís Viana, encontra-se duas professoras alfabetizadoras da EJA, a prof.<sup>a</sup> 04 é formada em pedagogia há 20 anos e atua na EJA cerca de 10 anos, já a prof.<sup>a</sup> 05 também é formada em pedagogia há 16 anos e atua na EJA por 10 anos. A oferta da EJA nesta escola está organizada em 1º e 2º segmentos.

Questionadas se conheciam o Método Paulo Freire, a prof.<sup>a</sup> 04 afirmou que: “Sim” e a prof.<sup>a</sup> 05 respondeu que: “Não muito”. Ainda sobre o Método, foi perguntado qual a importância do Método para a sua prática na EJA, a prof.<sup>a</sup> 04 respondeu: “Acredito que o método em si é bom, porém, não adoto em sua essência. Alguns princípios sim, utilizo”. Enquanto a prof.<sup>a</sup> 05 afirma que: “Não uso esse método”. Quando interrogadas se desenvolvem o método em sua sala de aula, a resposta foi negativa, pois ambas responderem que não empregam o método.

O método Paulo Freire visa a educação libertadora, para conscientização e alfabetização, sendo um sistema muito importante para a alfabetização, pois parte da

leitura do mundo para a leitura da palavra. Contempla Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2011, p.32):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? “Por que, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos”.

Indagadas se já tiveram alguma formação específica sobre a metodologia de Paulo Freire, as duas responderam que não, e a prof.<sup>a04</sup> acrescentou que: “Estudei quando na graduação”. Em relação as dúvidas referentes a aplicação do Método, as duas relatam que existem, a prof.<sup>a04</sup> complementa que: “De prática, essencialmente mais eficaz”. Sobre as formações existentes para se trabalhar com a EJA, as professoras afirmam que tem, e que prof.<sup>a04</sup> afirma que: “Sempre ocorre com frequência/periodicamente”.

Quando solicitadas para falar sobre suas práticas pedagógicas, a prof.<sup>a04</sup> diz: “Atuo de forma bem eclética”, e a prof.<sup>a05</sup> afirma: “Não há uma metodologia específica, e sim, de acordo com o nível da turma planejo minhas aulas, atendendo as necessidades da turma”.

Os educadores em suas práticas, devem oportunizar os alunos a participar e dialogar, pois é no diálogo que se estabelece a aprendizagem. O educador deve perceber nas falas dos alunos os dados fornecidos e organizar esses saberes.

O que não percebem é que participação também se aprende. Cabe ao educador propiciar situações significativas de aprendizagem para inserção no mundo. Aprende-se a participar participando, discursando, dialogando, criticando e não se calando diante do olhar coercivo do professor. (FEITOSA, 2011, p. 114)

Pedidas para dizer como organizam suas aulas, a prof.<sup>a04</sup> assegura que é: “De forma contextualizada e considerando a realidade dos alunos”, e a prof.<sup>a05</sup> “Trabalho com textos como ponto de partida para abordar o conteúdo”. E a respeito da utilização de algum material e/ou recurso, elas utilizam, a prof.<sup>a04</sup> completa que: “Livros didáticos, textos, impressões e outros”, já a prof.<sup>a05</sup> afirma que utiliza “Vários”.

A prof.<sup>a</sup>04 aponta como dificuldade e desafio de atuar na EJA: “Ter a presença de todos os alunos por dia de aula. Há constantes ausências justificáveis”. Enquanto a prof.<sup>a</sup>05 afirma: “As dificuldades é a falta de assistência e recurso para a modalidade da EJA”.

Questionadas de como a EJA atualmente ajuda os educandos e se elas percebem alguma diferença, a prof.<sup>a</sup>04 descreve que: “A EJA é uma alternativa ou modalidade de ensino que tem proporcionado a muitos avançar nos estudos, e sempre há aqueles que valorizam e se esforçam”. A prof.<sup>a</sup>05 expõe que: “A oferta do ensino já é uma forma de ajuda. Para os alunos comprometidos com sua educação conseguem absorver e tirar proveito das mais variadas ações que acontecem na escola”.

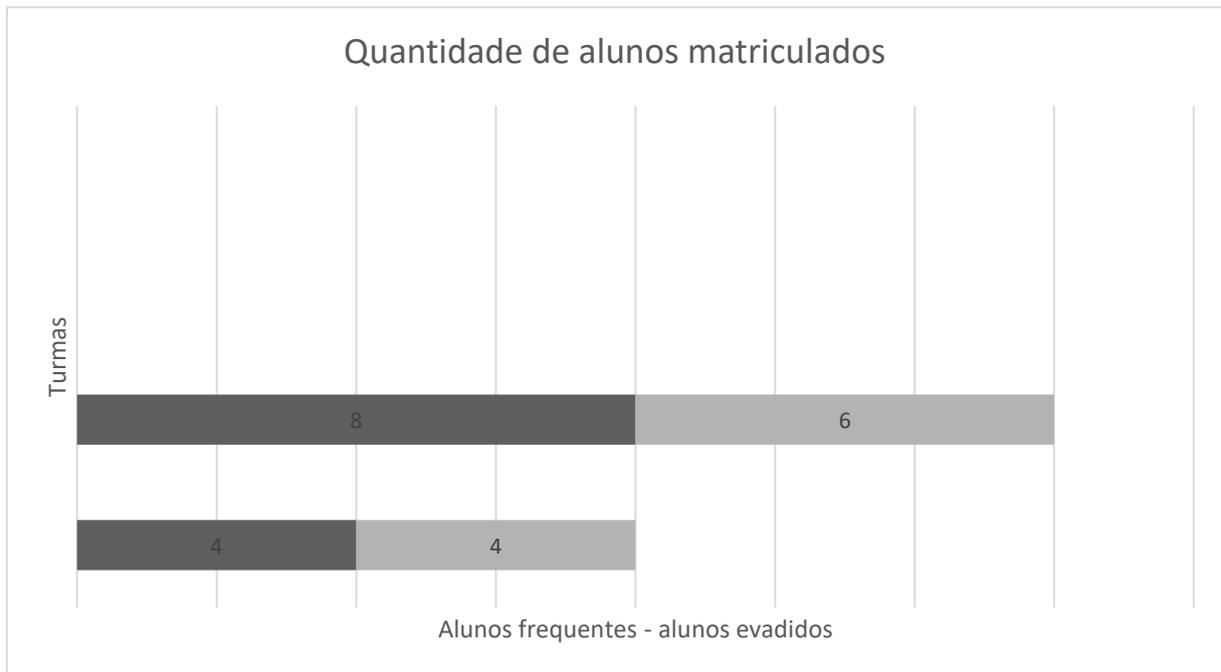
A educação é uma forma de intervenção no mundo, jamais a educação pode ser neutra. É uma fonte de água que abre espaço para que os alunos que bebem dessa fonte, se tornem pessoas capazes de intervir na sociedade em que vivem, pessoas capazes de opinar e tomar decisões. Freire (2011, p.96) comenta:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante.

A educação é o meio que se pode intervir na sociedade, tornando-se um ser crítico e independente das opiniões alheias, sendo apropriado de ter sua própria visão de mundo e assim, sendo capaz de lê-lo. Como Freire comentou, a educação permite que os alunos exercitem sua autonomia e sua capacidade de tomada de decisões. Através do diálogo e reflexão, o ato educativo pode tornar-se libertador e conscientizador, e o aluno cada vez mais vai participando ativamente como indivíduo em todas as esferas da sociedade.

Abaixo veremos um gráfico que representa os alunos matriculados neste ano de 2019 e a taxa de evasão desde o início do ano, onde pode-se ver que há 8 alunos matriculados na turma da prof.<sup>a</sup>04, onde somente 50% dos alunos frequentam e 50% dos alunos já evadiram desde o começo do ano.

**Gráfico 03:** Quantidade de alunos matriculados e a taxa de evasão na UEB Luís Viana – Salas de alfabetização



Fonte: dados coletados pela autora a partir da entrevista aplicada.

Enquanto na turma da prof.<sup>a</sup>05, existem 14 alunos matriculados, com cerca de 57,14% de alunos frequentes e aproximadamente 42,86% de alunos que já evadiram, sendo estes, que não cancelaram a matrícula e foram transferidos também.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho oportunizou um estudo mais aprofundado sobre a EJA desde o seu princípio até os dias atuais, tendo como base de estudo a metodologia criada pelo patrono da educação, o educador Paulo Freire, o qual me ajudou a perceber que a prática pedagógica de um educador deve levar em consideração a necessidade de respeitar o conhecimento que o aluno leva para a sala de aula, partindo dele, de forma contextualizada, para iniciar o processo de leitura de palavra e leitura de mundo. Dando oportunidades para o educando socializar com os outros e com o próprio professor, pois cada aluno é um indivíduo histórico-social, e ensinar exige respeito aos saberes do educando.

Portanto, optou-se por buscar através de entrevistas, se o Método de Paulo Freire é aplicado e qual a sua relevância na EJA nas escolas que oferecem a alfabetização.

A EJA é uma modalidade de ensino muito importante para aqueles alunos que por algum motivo, não frequentaram a escola, e que não foram alfabetizados. Ela abre portas para que o aluno se aproxime do conhecimento e busque novas aprendizagens. Com o estudo da trajetória da EJA no Brasil e afunilando, no Maranhão, percebemos que esta modalidade passou por transformações de acordo com cada período histórico e melhorias desde o seu início. Mas que, na prática ainda faltam alguns pontos para que a teoria seja de fato efetivada, pois ainda existe evasão desses alunos que não completaram os estudos na idade certa.

Compete aos educadores da EJA pensar sobre suas metodologias de ensino, sabendo que, são eles que atuam como mediadores do conhecimento, partindo do que o aluno já sabe e fazendo com que este aluno tenha a oportunidade de ampliar seu conhecimento. Os educadores são aqueles que tem uma grande responsabilidade, alfabetizar jovens e adultos, levando em consideração toda bagagem trazidas por eles.

Por meio das experiências de vida dos alunos, o educador pode partir desses conhecimentos prévios e ampliar aquilo que o aluno pensa que não sabe, e valorizando suas vivências, o aluno percebe que a educação tem sentido em sua vida, como uma aprendizagem significativa, que vai ter valor, é uma educação capaz de torna-lo participativo ativo da sociedade em que vive, capaz de intervir e ser

atuante, deixando se ser passivo. Dessa forma, o Método Paulo Freire é importante para esses alunos, que buscam conscientização sobre sua realidade, para serem capazes de transformá-la. Sendo pessoas que desenvolvem suas consciências críticas, reflexivas e libertadoras.

A EJA tem várias funções, e quando ela traz para si aqueles alunos que não puderam estudar, ela está dando oportunidades, ajudando-os na sua transformação social, por isso a educação também é um ato político.

O resultado desta pesquisa, admite que nem sempre a metodologia do educador, Paulo Freire é aplicada de forma diária nas aulas, mas é relevante perceber que muitas vezes os educadores veem a necessidade de partir de temas geradores que os alunos já conhecem, valorizando suas experiências, para dar início as aulas, e estimular a participação de todos os alunos para uma aprendizagem significativa e ampliação da consciência crítica e libertadora.

Alguns problemas foram descritos durante a entrevista, como a falta constantes dos alunos, aumentando o índice de evasão, a violência, a falta de apoio da secretaria de educação e da gestão escolar, falta de assistência e os recursos que não são disponibilizados. Mas que mesmo assim, não deixam os educadores perderem o foco ou desistirem de atuar como mediadores de conhecimento para esses alunos que buscam o aprendizado. Falta o Estado estabelecer uma relação mais próxima, e atender as necessidades deste público que tem carência de políticas públicas para sanar tais dificuldades.

Todavia, ao falar da metodologia de Paulo Freire, fica claro que ela não é aplicada em sua totalidade, que somente a utilização de temas geradores, ou então, partir da realidade dos alunos, não caracteriza o Método por completo, ainda faltam alguns momentos a serem inseridos, que não são conhecidos pelos educadores, que por sua vez, tiveram esse aprendizado sobre o Método somente durante o tempo que em cursavam a graduação.

Dessa forma, esta pesquisa buscou investigar sobre o conhecimento de professoras e professores, e a adoção do Método Paulo Freire como referência nas práticas pedagógicas de alfabetização na educação de jovens e adultos. Mesmo não sendo o método predominante, mas foi visto, com as entrevistas, que o método é fundamental e auxilia os educadores durante suas aulas, tornando os sujeitos ativos e participantes da sociedade, apropriados para intervir no meio em que vivem.

## REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e Educação Popular** :A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil). Editora Ática, São Paulo, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. 24.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. **O que é educação**. Editora brasiliense, São Paulo, 2007.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Resolução Nº. 1/2000, de 3 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da república Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.r

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. Brasília, 1961. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislação/ListaPublicacoes.action?id=102346>. Acesso em: 21 agosto 2018.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica**. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

\_\_\_\_\_. **Parecer CEB 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 21 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5.692 de 11 de agosto de 1971.** Brasília, 1971. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102368>. Acesso em 21 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Plano Plurianual de Alfabetização.** Salvador/BA, 2007. Disponível em: [http://www.sec.ba.gov.br/topa/ppalfa\\_2007](http://www.sec.ba.gov.br/topa/ppalfa_2007). Acesso em: 29 set. 2018.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DOXSEY J. R.; de RIZ, J. **Metodologia da pesquisa científica.** ESAB- Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire: A Reinvenção de um legado / Sonia Couto Souza Feitosa.** 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011. (Série Educação de Adultos, v.2)

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** 3.ed. São Paulo: Centauro, 1980.

\_\_\_\_\_. **Uma bibliografia Moacir Gadotti.** Impresso no Brasil. Abril de 1996.

\_\_\_\_\_. A educação é um quefazer neutro? In: GADOTTI, Moacir, **História das Ideias Pedagógicas.** São Paulo: Ática, 2002, p.254.

\_\_\_\_\_. **A Importância do Ato de Ler.** 23.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Política e Educação.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** Editora Olho

d'água, São Paulo, 1997.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Moacir Gadotti (Org.). Ed. Cortez: São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 2002.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Tecnologia, educação e democracia**. Editora Civilização brasileira s.a., Rio de Janeiro, 1965.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**. Maceió; EDUFAL, 1999. 229p.

MOURA, V. L. P. da S. **Educação de jovens e adultos: as contribuições de Paulo Freire**. 2014. 19 p. Monografia de Especialização (Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos) - Pós-graduação a distância *lato sensu* da Universidade Católica Dom Bosco, Mato Grosso do Sul, 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação de Jovens e Adultos: as contribuições de Paulo Freire**. Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação a distância *lato sensu* em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pela Universidade Católica Dom Bosco. 2014.

NASCIMENTO, Sandra Mara do. **Educação de Jovens e Adultos EJA, na visão de Paulo Freire**. Monografia de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de PARANAVAÍ-PARANÁ. Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira, Paranavaí / PR, 2013.

## APÊNDICES

**Apêndice A- Entrevista com professores**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA  
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ENTREVISTA COM PROFESSORES ALFABETIZADORES DA EJA**

Este presente questionário tem a finalidade de sondar os conhecimentos dos professores da Educação de Jovens e Adultos da Educação Básica de Ensino, sendo fundamental na conclusão da monografia, que tem por tema “Práticas educativas na Educação de Jovens e Adultos: o método Paulo Freire em questão”.

1 Dados de identificação Feminino ( ) Masculino ( )

a) Nome(opcional) \_\_\_\_\_

b) Formação \_\_\_\_\_

c) Tempo de formação \_\_\_\_\_

d) Tempo de atuação na EJA \_\_\_\_\_

e) Locais de trabalho \_\_\_\_\_

2 Como está organizada a oferta das etapas da EJA nesta escola?

\_\_\_\_\_

3 Conhece o Método Paulo Freire?

\_\_\_\_\_

4 Qual a importância do Método Paulo Freire para a sua prática na EJA?

\_\_\_\_\_

5 Você desenvolve o Método Paulo Freire em sua sala de aula? Explique.

\_\_\_\_\_

6 Quais dificuldades você encontra na aplicação do Método Paulo Freire?

\_\_\_\_\_

7 Você já teve alguma formação específica sobre a metodologia de Paulo Freire?

---

8 Quais são suas dúvidas em relação a aplicação do Método Paulo Freire?

---

---

9 Houve/Há formação para trabalhar na EJA?

---

10 Quais suas práticas pedagógicas (metodologia de ensino)?

---

11 Como organiza suas aulas?

---

---

12 Utiliza algum material e/ou recurso nas suas aulas?

---

13 Aponte as dificuldades e desafios de atuar na EJA.

---

---

14 Como a EJA, atualmente ajuda os educandos? Você percebe alguma diferença?

---

---

15 Quantos alunos têm em sua sala de aula matriculados? E quantos frequentam?

---

16 Quantos alunos já evadiram desde o começo do ano?

---